

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL  
ÁREA DO CONHECIMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

**PABLO EDUARDO VAILATTI**

**O IMPACTO ECONÔMICO DA CRISE NO MERCADO DE TRABALHO FORMAL  
NO SETOR DE SERVIÇOS NOS ESTADOS DA REGIÃO SUL DO BRASIL, NO  
PERÍODO DE 2013 A 2017**

**CAXIAS DO SUL  
2019**

**PABLO EDUARDO VAILATTI**

**O IMPACTO ECONÔMICO DA CRISE NO MERCADO DE TRABALHO FORMAL  
NO SETOR DE SERVIÇOS NOS ESTADOS DA REGIÃO SUL DO BRASIL, NO  
PERÍODO DE 2013 A 2017**

Trabalho apresentado como requisito para a obtenção do Grau de Bacharel em Ciências Econômicas da Universidade de Caxias do Sul.

Sob orientação do Professor Ms. Rogerio da Silva França Junior.

**CAXIAS DO SUL**

**2019**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente ao bom Deus pela ajuda ao longo do caminho no curso de Ciências Econômicas e por me permitir alcançar essa conquista. Sou muito grato também a minha família por me motivar em sempre buscar o meu melhor e por também acreditar no meu potencial. Não existem palavras que podem realmente expressar toda a minha gratidão nessa fase da minha vida.

Agradeço também ao orientador e grande amigo professor Ms. Rogerio da Silva França Junior pela paciência e orientação durante a elaboração deste trabalho, além também das sugestões e discussões acerca desse trabalho.

E sou grato aos colegas e amigos do curso por todos os momentos de aprendizado, discussões e confraternizações. Além disso, agradeço a oportunidade de ter sido estagiário do Observatório do Trabalho e de ter tido a honra também de poder participar da comemoração dos 60 anos do nosso curso. Desejo a todos muito sucesso.

*"I believe the best social program is a job."*

(Acredito que o melhor programa social é um emprego).

**Ronald Reagan**

## RESUMO

O trabalho é importante para o homem e foi devidamente analisado e definido com o passar dos anos através dos estudos das diversas escolas de pensamento econômico. Com o trabalho e a sua divisão, além do ganho significativo nos níveis de produtividade, ocorreu o surgimento do mercado de trabalho. A organização do mercado de trabalho apresenta diversos conceitos e diferentes segmentos. Procura-se com o presente trabalho definir a dinâmica do seu funcionamento, conceituando também as principais variáveis que o compõem, além dos seus objetivos. A metodologia usada para alcançar o objetivo desse trabalho é a histórica descritiva nos capítulos 2 e 3 e o método de análise comparativa é utilizado no capítulo 4. A análise do impacto da crise no mercado de trabalho formal do setor de serviços da Região Sul do Brasil foi feita através de dados da RAIS. Com isso ficou evidente se o estoque de emprego formal cresceu ou diminuiu na região e como foi para cada um dos seus estados (RS, SC e PR). Além disso, foi também levantado e definido o perfil do trabalhador formal desse setor através das seguintes variáveis: nível de escolaridade, faixa etária, sexo e remuneração. Por fim, foram feitas as estimativas para o mercado de trabalho formal para o ano de 2018, visto que o último ano disponível oficialmente é 2017. Para se chegar nesse resultado foi feito o cruzamento de dados da movimentação de postos de trabalho do CAGED com o estoque de emprego da RAIS.

**Palavras-chave:** Trabalho, mercado de trabalho, setores econômicos, setor de serviços, emprego formal.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Estoque de emprego formal do Brasil por setor econômico (2013 a 2017) .....	54
Figura 02 – Estoque de emprego formal do Rio Grande do Sul por setor econômico (2013 a 2017).....	55
Figura 03 – Estoque de emprego formal de Santa Catarina por setor econômico (2013 a 2017).....	56
Figura 04 – Estoque de emprego formal do Paraná por setor econômico (2013 a 2017) .....	57

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Estoque de emprego formal por setor de atividade econômica no Brasil (2013 a 2017).....	46
Tabela 2 – Estoque de emprego formal por setor de atividade econômica na Região Sul do Brasil (2013 a 2017).....	47
Tabela 3 – Estoque de emprego formal por setor de atividade econômica no Rio Grande do Sul (2013 a 2017).....	48
Tabela 4 – Estoque de emprego formal por setor de atividade econômica em Santa Catarina (2013 a 2017) .....	49
Tabela 5 – Estoque de emprego formal por setor de atividade econômica no Paraná (2013 a 2017).....	50
Tabela 6 – Estoque de emprego formal do setor de serviços no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná (2013 a 2017).....	52
Tabela 7 – Estoque de emprego formal do setor de serviços por escolaridade na Região Sul do Brasil (2013 a 2017).....	59
Tabela 8 – Estoque de emprego formal do setor de serviços por escolaridade no Rio Grande do Sul (2013 a 2017).....	60
Tabela 9 – Estoque de emprego formal do setor de serviços por escolaridade em Santa Catarina (2013 a 2017) .....	61
Tabela 10 – Estoque de emprego formal do setor de serviços por escolaridade no Paraná (2013 a 2017) .....	62
Tabela 11 – Estoque de emprego formal do setor de serviços por faixa etária na Região Sul do Brasil (2013 a 2017).....	63
Tabela 12 – Estoque de emprego formal do setor de serviços por faixa etária no Rio Grande do Sul (2013 a 2017).....	64
Tabela 13 – Estoque de emprego formal do setor de serviços por faixa etária em Santa Catarina (2013 a 2017) .....	65
Tabela 14 – Estoque de emprego formal do setor de serviços por faixa etária no Paraná (2013 a 2017) .....	66
Tabela 15 – Estoque de emprego formal do setor de serviços por sexo na Região Sul do Brasil (2013 a 2017) .....	67
Tabela 16 – Estoque de emprego formal do setor de serviços por sexo no Rio Grande do Sul (2013 a 2017).....	68
Tabela 17 – Estoque de emprego formal do setor de serviços por sexo em Santa Catarina (2013 a 2017) .....	68
Tabela 18 – Estoque de emprego formal do setor de serviços por sexo no Paraná (2013 a 2017).....	69
Tabela 19 – Remuneração anual média da mão de obra formal do setor de serviços na Região Sul do Brasil (2013 a 2017).....	70

Tabela 20 – Estimativa* do estoque de emprego formal por setor de atividade econômica no Brasil (2013 a 2018*) .....	71
Tabela 21 – Estimativa* do estoque de emprego formal por setor de atividade econômica na Região Sul do Brasil (2013 a 2018*) .....	72
Tabela 22 – Estimativa* do estoque de emprego formal por setor de atividade econômica no Rio Grande do Sul (2013 a 2018*) .....	73
Tabela 23 – Estimativa* do estoque de emprego formal por setor de atividade econômica em Santa Catarina (2013 a 2018*) .....	74
Tabela 24 – Estimativa* do estoque de emprego formal por setor de atividade econômica no Paraná (2013 a 2018*) .....	74



## LISTA DE ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

%	por cento
5ª Comp. Fund.	5ª Completo Fundamental
6ª a 9ª Fund.	6ª a 9ª Fundamental
Adm. públ.	Administração pública
Agropec.	Agropecuária
Analfab.	Analfabeto
Até 5ª Inc.	Até 5ª Incompleto
Comé.	Comércio
Const. civ.	Construção civil
Dout.	Doutorado
Extr. mine.	Extrativa mineral
Fund. Comp.	Fundamental Completo
Indús. de transf.	Indústria de transformação
Méd. Comp.	Médio Completo
Méd. Inc.	Médio Incompleto
Mest.	Mestrado
Ms.	Mestre
p. perc.	participação percentual
p.	página
R\$	reais
Serv. ind. de uti. púb.	Serviços industriais de utilidade pública
Serv.	Serviços
Sup. Comp.	Superior Completo
Sup. Inc.	Superior Incompleto

## LISTA DE SIGLAS

CAGED	Cadastro Geral de Empregados e Desempregados
CLT	Consolidação das Leis Trabalhistas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ME	Ministério da Economia
PEA	População Economicamente Ativa
PIA	População em Idade Ativa
PIB	Produto Interno Bruto (PIB)
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PR	Paraná
PT	População Total
RAIS	Relação Anual de Informações Sociais
RS	Rio Grande do Sul
SC	Santa Catarina
UF	Unidade da Federação

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>13</b>
1.1	FORMULAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA.....	13
1.2	DEFINIÇÃO DAS HIPÓTESES .....	14
<b>1.2.1</b>	<b>Hipótese principal</b> .....	<b>14</b>
<b>1.2.2</b>	<b>Hipóteses secundárias</b> .....	<b>14</b>
1.3	JUSTIFICATIVA DA ESCOLHA DO TEMA .....	15
1.4	DEFINIÇÃO DOS OBJETIVOS .....	16
<b>1.4.1</b>	<b>Objetivo geral</b> .....	<b>16</b>
<b>1.4.2</b>	<b>Objetivos específicos</b> .....	<b>16</b>
1.5	METODOLOGIA .....	16
<b>2</b>	<b>REVISÃO TEÓRICA DO MERCADO DE TRABALHO</b> .....	<b>18</b>
2.1	CONCEPÇÕES TEÓRICAS SOBRE TRABALHO .....	19
<b>2.1.1</b>	<b>O trabalho na visão dos clássicos</b> .....	<b>19</b>
2.1.1.1	O trabalho na visão de Adam Smith .....	20
2.1.1.2	O trabalho na visão de David Ricardo .....	21
<b>2.1.2</b>	<b>O trabalho na visão de Karl Marx</b> .....	<b>23</b>
<b>2.1.3</b>	<b>O trabalho na visão dos neoclássicos marginalistas</b> .....	<b>24</b>
<b>2.1.4</b>	<b>O trabalho na visão de John Maynard Keynes</b> .....	<b>26</b>
<b>2.1.5</b>	<b>O trabalho na visão dos novos keynesianos</b> .....	<b>28</b>
<b>2.1.6</b>	<b>O trabalho na visão dos neoliberais</b> .....	<b>29</b>
<b>3</b>	<b>ORGANIZAÇÃO DO MERCADO DE TRABALHO E SETORES DE ATIVIDADE</b> .....	<b>32</b>
3.1	A ORGANIZAÇÃO DO MERCADO DE TRABALHO .....	32
<b>3.1.1</b>	<b>Mercado de trabalho formal e informal</b> .....	<b>33</b>
<b>3.1.2</b>	<b>Óticas do mercado de trabalho</b> .....	<b>34</b>
<b>3.1.3</b>	<b>Comportamento do mercado de trabalho</b> .....	<b>34</b>
<b>3.1.4</b>	<b>População economicamente ativa e não economicamente ativa</b> .....	<b>35</b>
<b>3.1.5</b>	<b>Taxa de participação do mercado de trabalho</b> .....	<b>36</b>
<b>3.1.6</b>	<b>Desemprego</b> .....	<b>37</b>
<b>3.1.7</b>	<b>Taxa de ocupação</b> .....	<b>40</b>
<b>3.1.8</b>	<b>O subemprego e a informalidade</b> .....	<b>40</b>

3.1.9	A taxa de rotatividade da mão de obra.....	41
3.2	SETORES DE ATIVIDADE ECONÔMICA .....	42
3.2.1	Os setores econômicos primário, secundário e terciário.....	43
4	<b>EMPREGO FORMAL PELO SETOR DE ATIVIDADE ECONÔMICA DA REGIÃO SUL DO BRASIL .....</b>	<b>45</b>
4.1	A REGIÃO SUL DO BRASIL .....	45
4.1.1	Emprego formal na Região Sul do Brasil .....	46
4.1.2	Emprego formal no Rio Grande do Sul .....	48
4.1.3	Emprego formal em Santa Catarina.....	49
4.1.4	Emprego formal no Paraná.....	50
4.2	O EMPREGO FORMAL NO SETOR DE SERVIÇOS NA REGIÃO SUL DO BRASIL .....	51
4.2.1	O setor de serviços formal no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná .....	51
4.3	O IMPACTO DA CRISE NO MERCADO DE TRABALHO FORMAL NO SETOR DE SERVIÇOS .....	52
4.3.1	A crise .....	53
4.3.2	O impacto da crise da crise no emprego formal do setor de serviço no Brasil .....	53
4.3.3	O impacto da crise da crise no emprego formal do setor de serviços no Rio Grande do Sul.....	54
4.3.4	O impacto da crise da crise no emprego formal do setor de serviços em Santa Catarina .....	56
4.3.5	O impacto da crise da crise no emprego formal do setor de serviços no Paraná.....	57
4.4	PERFIL DO TRABALHADOR FORMAL DO SETOR DE SERVIÇOS DA REGIÃO SUL DO BRASIL .....	58
4.4.1	<b>A escolaridade do trabalhador formal do setor de serviços .....</b>	<b>58</b>
4.4.1.1	A escolaridade do trabalhador formal do setor de serviços da Região Sul do Brasil .....	59
4.4.1.2	A escolaridade do trabalhador formal do setor de serviços no Rio Grande do Sul .....	60
4.4.1.3	A escolaridade do trabalhador formal do setor de serviços em Santa Catarina.....	61
4.4.1.4	A escolaridade do trabalhador formal do setor de serviços no Paraná ....	61
4.4.2	<b>A faixa etária do trabalhador formal do setor de serviços .....</b>	<b>62</b>

4.4.2.1	A faixa etária do trabalhador formal do setor de serviços na Região Sul do Brasil .....	63
4.4.2.2	A faixa etária do trabalhador formal do setor de serviços no Rio Grande do Sul .....	63
4.4.2.3	A faixa etária do trabalhador formal do setor de serviços em Santa Catarina .....	64
4.4.2.4	A faixa etária do trabalhador formal do setor de serviços no Paraná .....	65
<b>4.4.3</b>	<b>O sexo do trabalhador formal do setor de serviços .....</b>	<b>66</b>
4.4.3.1	O sexo do trabalhador formal do setor de serviços na Região Sul do Brasil .....	67
4.4.3.2	O sexo do trabalhador formal do setor de serviços no Rio Grande do Sul .....	67
4.4.3.3	O sexo do trabalhador formal do setor de serviços em Santa Catarina ...	68
4.4.3.4	O sexo do trabalhador formal do setor de serviços no Paraná.....	69
<b>4.4.4</b>	<b>A remuneração média anual do trabalhador formal do setor de serviços na Região Sul do Brasil.....</b>	<b>69</b>
4.5	ESTIMATIVAS PARA O MERCADO DE TRABALHO FORMAL NO SETOR DE SERVIÇOS.....	70
<b>4.5.1</b>	<b>Estimativas para o mercado de trabalho formal no setor de serviços para o Brasil.....</b>	<b>71</b>
<b>4.5.2</b>	<b>Estimativas para o mercado de trabalho formal no setor de serviços para os estados da Região Sul do Brasil .....</b>	<b>71</b>
4.5.2.1	Estimativas para o mercado de trabalho formal no setor de serviços para o estado do Rio Grande do Sul .....	72
4.5.2.2	Estimativas para o mercado de trabalho formal no setor de serviços para o estado de Santa Catarina.....	73
4.5.2.3	Estimativas para o mercado de trabalho formal no setor de serviços para o estado do Paraná .....	74
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>76</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>79</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O trabalho desde o seu início e princípio é de importância para o homem. Desde os primórdios da civilização até a passagem para o século XXI, com o trabalho doméstico até o trabalho formal e suas hierarquias, ou desde o subemprego até o emprego informal, tem-se grande importância para a sociedade e para a economia e o desenvolvimento de uma nação.

A crise político econômica brasileira trouxe um aumento significativo no número de demissões, fazendo com a economia do país entrasse em recessão, levando ao crescimento da taxa de desemprego, queda real na renda das famílias, falta de credibilidade no setor público como nunca antes visto na história do país, além de outros impactos negativos no país.

Os setores econômicos e o mercado de trabalho formal do Brasil tiveram diversos postos de trabalho fechados em seus segmentos devido à crise. Com isso o setor de serviços, visto o seu peso para a economia brasileira, também não conseguiu escapar da crise e foi atingido com o fechamento de postos de trabalho, mesmo que de forma tardia em relação aos outros setores econômicos.

Diante disso, o presente trabalho procura analisar qual foi o impacto econômico da crise no mercado de trabalho formal no setor de serviços nos estados da Região Sul do Brasil, no período de 2013 a 2017, a fim de apontar, através de dados e pesquisas, quantos postos de trabalho foram perdidos em cada estado da Região Sul do país, além de evidenciar o perfil do trabalhador do setor de serviços.

### 1.1 FORMULAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA

Após um curto período de pleno emprego em 2013, a crise política e econômica teve um impacto significativo na economia brasileira. Com isso, diversas pessoas vieram a perder seus empregos, com mais de 13,2 milhões de desempregados sendo o pior resultado desde 2012 segundo dados publicados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2017). O único ponto positivo da crise foi o controle da inflação, mas isso impactou no mercado de trabalho formal, ao analisar-se os dados disponíveis pela Relação Anual de Informações Sociais (RAIS).

No período de 2013 a 2017, todos os setores econômicos perderam postos de trabalho no Brasil, segundo dados da RAIS. Dentre estes setores econômicos, o que mais emprega no Brasil é o setor de serviços e este setor demorou mais tempo

para ser atingido, mas mesmo assim não conseguiu escapar da crise. Além de impactar o mercado formal de trabalho com aumento da taxa de desemprego, contribuindo negativamente para a economia do Brasil e causando à recessão.

Diante do exposto, o presente projeto pretende responder às seguintes indagações:

- 1) Quantos postos de trabalho foram fechados no Brasil no período de 2013 a 2017?
- 2) Quais foram os setores econômicos mais afetados no mercado de trabalho formal brasileiro no período de 2013 a 2017?
- 3) Quantos postos de trabalho foram fechados no estado do Rio Grande do Sul no período de 2013 a 2017?
- 4) Quantos postos de trabalho foram fechados no estado de Santa Catarina no período de 2013 a 2017?
- 5) Quantos postos de trabalho foram fechados no estado do Paraná no período de 2013 a 2017?
- 6) Qual o setor mais afetado no período de 2013 a 2017 nos estados da Região Sul do Brasil?
- 7) Qual é o perfil do trabalhador no setor de serviços nos estados do RS, SC e PR?
- 8) Qual é o perfil do trabalhador no setor de serviços após a crise nos estados do RS, SC e PR?
- 9) Quais são as estimativas/projeções para o mercado de trabalho formal em 2018?

## 1.2 DEFINIÇÃO DAS HIPÓTESES

### 1.2.1 Hipótese Principal

O impacto da crise econômica no mercado formal de trabalho a partir de 2013 no setor de serviços se deu devido a todos os outros setores econômicos terem sido afetados. O setor de serviços não conseguiu escapar da crise e foi um dos últimos setores a ser atingido, levando diversas pessoas a ficarem desempregadas.

### 1.2.2 Hipóteses Secundárias

H1: O fechamento de postos de trabalho no período de 2013 a 2017 foi significativamente grande, levando a população ao desemprego e finalizando um curto período onde o Brasil chegou ao pleno emprego.

H2: Os setores econômicos mais afetados pela crise no período de 2013 a 2017 foram o da indústria de transformação e o da construção civil.

H3: No Rio Grande do Sul, a crise foi maior do que no Brasil. No setor da indústria de transformação, diversos postos de trabalho foram fechados no RS.

H4: Em Santa Catarina, a crise não foi muito forte, devido a sua economia ser mais voltado ao turismo e ao seu empreendedorismo.

H5: No Paraná, o setor do comércio teve bom desempenho no período de 2013 a 2017.

H6: Todos os setores econômicos foram afetados pela crise nos estados do RS, SC e PR.

H7: Os trabalhadores no setor de serviços nos estados do RS, SC e PR são, na sua maioria, jovens e mulheres.

H8: Os trabalhadores no setor de serviços nos estados do RS, SC e PR são, na sua maioria, menos remunerados.

H9: As estimativas para a economia brasileira, a partir de 2018, é que o mesmo cresça e que haja a criação de novos postos de trabalho.

### 1.3 JUSTIFICATIVA DA ESCOLHA DO TEMA

O trabalho é importante para o ser humano. As principais teorias sobre o trabalho se iniciam com Adam Smith e David Ricardo, além de outros. E possui arcabouço teórico histórico que gerou e continua gerando diversas pesquisas e trabalhos.

O mercado de trabalho formal brasileiro é significativo para a economia. Nesse mercado existem diversos dados e variáveis que ajudam a medir a atividade econômica de uma região. Tudo isso tem peso relevante na geração de políticas públicas que fomentam a criação de novos postos de trabalho, contribuindo para o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) do país. O trabalho formal brasileiro se caracteriza pela sua regulamentação através da Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) quando privado e emprego público com seu regulamento próprio.

A Economia do Trabalho é parte marcante do arcabouço teórico da Ciência Econômica. Diante disso, o presente trabalho se justifica por buscar realizar uma análise sobre o impacto econômico da crise no mercado de trabalho formal, no setor de serviços nos estados da Região Sul do Brasil, no período de 2013 a 2017.



## 1.4 DEFINIÇÃO DOS OBJETIVOS

### 1.4.1 Objetivo Principal

Analisar o impacto econômico da crise no mercado de trabalho formal no setor de serviços nos estados da Região Sul do Brasil, no período de 2013 a 2017.

### 1.4.2 Objetivos Secundários

1. Verificar o fechamento de postos de trabalho no Brasil no período de 2013 a 2017.
2. Pesquisar os setores econômicos mais afetados pela crise no Brasil no período de 2014 a 2017.
3. Apontar se a crise foi maior na Região Sul do que no Brasil.
4. Evidenciar o impacto da crise nos estados do RS, SC e PR.
5. Pesquisar o desempenho do setor do comércio nos estados do RS, SC e PR.
6. Observar quais setores econômicos foram afetados pela crise nos estados do RS, SC e PR.
7. Pesquisar o perfil do trabalhador no setor de serviços nos estados da Região Sul do Brasil.
8. Verificar o perfil do trabalhador no setor de serviços após a crise.
9. Apresentar as estimativas para a economia brasileira a partir de 2018.

## 1.5 METODOLOGIA

A metodologia trata dos moldes de fazer ciência. Cuida dos procedimentos, das ferramentas e dos caminhos para se alcançar a realidade teórica e prática, visto que esse é o propósito da ciência (DEMO, 1995).

A pesquisa de trabalho bibliográfica deve ser acrescentada, necessariamente a todo e/ou qualquer outro tipo de pesquisa ou trabalho científico, consistindo em um suporte teórico para o desenvolvimento de todo trabalho de indagação, além de promover o espírito crítico, visto que consegue acontecer a autoconsciência do caminho elaborado e por elaborar (FONSECA, 2009).

As fases desta pesquisa serão reunidas por meio de pesquisa bibliográfica em livros acadêmicos, artigos científicos e material disponibilizado na internet como bases de dados públicos, os quais servirão de apoio para o desenvolvimento do

segundo e terceiro capítulo, ligado com o método descritivo que irão abordar todos os conceitos referentes ao tema deste trabalho.

Segundo Fonseca (2009), a pesquisa descritiva relata uma realidade tal como esta se mostra, conhecendo-a e interpretando-a, por meio da observação e da investigação dos fatos. Da mesma maneira, o método comparativo assentará para o quarto capítulo ligado com o método estatístico, o qual possibilitará a corroboração dos motivos determinantes do consumo das famílias brasileiras.

O presente projeto será exposto em 4 capítulos, onde o segundo trata do histórico e aborda teorias que portaram como tema o mercado de trabalho, e neste capítulo é feita uma breve revisão teórica sobre os primórdios e o nascimento do mundo do trabalho e as mudanças mais importantes que aconteceram no passar dos anos. No terceiro capítulo, será abordado o mercado de trabalho e os setores de atividade econômica.

O quarto capítulo trará o assunto determinante deste projeto: o impacto da crise no mercado de trabalho formal no setor de serviços da Região Sul do Brasil, através do método de uma análise descritiva do perfil do trabalhador no setor de serviços, da movimentação de postos de trabalho no setor de serviços, dentre outros referentes ao impacto da crise no setor de serviços da Região Sul do Brasil.

## 2 REVISÃO TEÓRICA DO MERCADO DE TRABALHO FORMAL

A palavra trabalho possui significados em diversas línguas ao redor do planeta. No dicionário brasileiro, um dos primeiros significados é o do uso de força para a conquista de um objetivo, em seguida tem-se como a definição de uma atividade que pode ser elaborada através do físico ou do intelecto necessário para qualquer tipo de dever, ou também, tem-se como o conceito de alguma forma de profissão (ALBORNOZ, 1994).

Entretanto, trabalho possui outros conceitos mais específicos, como da utilização da força para a fabricação de utilidades ou obras intelectuais, como peças de teatro ou artigos científicos. Pode-se também conceituar como um grupo de discussões de uma comunidade chamada para colaborar com um benefício para o público em geral ou específico. Ou ainda, o trabalho é conceituado como algo difícil e desconfortável, como por exemplo: esse aluno deu muito trabalho ao seu professor em sua monografia. Além de no plural, ser o significado de incomodações.

O trabalho tem origem do latim *tripalium*, que era uma ferramenta construída com três pedaços de madeira, onde às vezes tinha a sua ponta feita com material de ferro, que era utilizado para bater em produtos agrícolas, sendo usado para desmanchá-los. Porém, diversos dicionários conceituam *tripalium* como uma ferramenta usada para torturar e causar sofrimento, isso pode ser justificado devido a fusão de *tripalium* com o verbo do latim *tripaliare*, que tem-se como resultado e significado o verbo torturar.

Conforme Braverman (1987), o trabalho humano é o oposto ao dos animais, devido à consciência e a intenção humana, diferentemente dos animais onde o trabalho é ligado ao seu instinto. Uma ação instintiva de um determinado animal na construção de sua moradia, como por exemplo, o João de Barro ao construir seu ninho difere sobremaneira do trabalho executado pelo homem na construção de um imóvel para morar. O que irá diferenciar o homem do animal no caso em questão é o fato do primeiro agir instintivamente enquanto o homem age de forma racional.

O trabalho também foi o tema de diversos teóricos das Ciências Econômicas, tendo início na economia política com os clássicos como Adam Smith ou David Ricardo, depois com Karl Marx, seguindo com os teóricos da escola econômica neoclássica, após com a escola Keynesiana de John Maynard Keynes, chegando ao neoliberalismo da escola de Chicago, entre outros tantos teóricos e escolas

econômicas, onde cada um possui sua própria e diferente abordagem e visão sobre o trabalho.

Diante do exposto, o presente capítulo tem como objetivo a realização de uma revisão teórica sobre o trabalho, através de sua evolução histórica por pensadores e economistas que fizeram parte da evolução do pensamento econômico.

## 2.1 CONCEPÇÕES TEÓRICAS SOBRE TRABALHO

O trabalho como fator de produção começou a ter maior importância a partir da Revolução Industrial, no século XVIII, visto que antes era uma ferramenta utilizada para a subsistência do homem. Com a divisão do trabalho, as escolas clássica, neoclássica e moderna desenvolveram o tema trabalho com diferentes olhares e análises ao longo da história. O trabalho possui estudos antigos como os do tempo de filósofos gregos, e num período mais recente, foi estudado e desenvolvido devido ao rápido progresso tecnológico e técnico.

O mercado de trabalho faz parte da maioria das pessoas de uma sociedade, ao mostrar a troca da força de trabalho do homem correspondente aos incentivos financeiros vindo de empresários, isto em sociedades capitalistas, mas não em sociedades socialistas. Visto a importância e o peso do trabalho para a economia e todo o impacto causado por períodos de recessão ou de crescimento, serão tratados alguns importantes teóricos que desenvolveram o tema trabalho.

### 2.1.1 O trabalho na visão dos clássicos

A primeira escola de pensamento econômico que abordou a importância do trabalho para a ciência econômica foi a escola clássica, que tem como principais economistas e pensadores teóricos Adam Smith, Jean-Baptiste Say, Thomas Malthus, David Ricardo, John Stuart Mill, entre outros. Os fundamentos teóricos são baseados na liberdade, na propriedade privada e em uma interferência mínima do governo.

A escola clássica respeitava o empresário, devido ao importante papel dos mesmos na fomentação da riqueza nacional, além de serem os responsáveis pela geração de emprego. Com essa doutrina surgem teorias sobre o trabalho, onde tem-se como pioneiro Adam Smith e importantes análises que ao passar dos anos foram aperfeiçoadas e continuadas por outros teóricos.

### 2.1.1.1 O trabalho na visão de Adam Smith

Adam Smith<sup>1</sup> (1723-1790) foi o pioneiro em influenciar o moderno pensamento econômico de economistas dos séculos XIX e XX, e até hoje é um dos mais famosos economistas de todos os tempos, além de criar teorias econômicas que até no momento presente são objeto de estudo, como a divisão do trabalho (HUNT, 2005).

Entre as inúmeras contribuições de Adam Smith para a ciência econômica, não por acaso ele ser considerado o pai da economia, pode-se destacar no que se refere o estudo a respeito do processo da criação da divisão do trabalho, a partir do qual surgem as inúmeras tarefas que o homem irá desempenhar na execução de determinada atividade.

Conforme Smith e a divisão do trabalho (2006, p. 12),

Esse grande aumento na quantidade de trabalho, o qual, como consequência de sua divisão, o mesmo número de pessoas é capaz de desempenhar, é devido a três diferentes circunstâncias: primeiro, ao aumento da destreza de cada trabalhador; segundo, por economizar o tempo que é normalmente perdido quando se passa de um tipo de trabalho para outro; e por último, pela invenção de um grande número de máquinas que facilitam e abreviam o trabalho, e capacitam um único homem a fazer o trabalho de muito.

Pode-se perceber através da citação acima, a divisão do trabalho gerou inúmeras mudanças no processo produtivo, trazendo ganhos significativos para a produtividade do trabalhador. Segundo Feijó (2001, p. 132),

Começa dizendo que a divisão do trabalho aumenta suas forças produtivas. Ora Smith refere-se à divisão dela na economia geral da sociedade, ora trata da maneira como a divisão do trabalho opera em certas manufaturas. Smith fala tanto em divisão social do trabalho quanto em divisão do mesmo no interior de uma unidade produtiva. Ilustra seu ponto de vista com a observação de uma pequena manufatura de alfinetes. A divisão da fabricação de alfinetes em setores com trabalhadores especializados provoca grande aumento na produtividade. Argumenta que a diferenciação das ocupações e empregos, principalmente nas sociedades mais evoluídas, produz aumento nas forças produtivas do trabalho. A divisão do trabalho é menor na agricultura, pois aqui os diferentes tipos de trabalho estão associados às estações do ano, de modo que é impossível empregar um único homem em cada uma das oportunidades de trabalho na agricultura. É por isso, argumenta Smith, que as diferenças de produtividade entre nações ricas e pobres são menores na agricultura e maiores na manufatura, em que as possibilidades na especialização de tarefas são muitas.

Com esse aumento na produtividade da força de trabalho, a riqueza de uma nação e a sua economia serão levadas a um expressivo crescimento. E isso tudo

---

<sup>1</sup> Nascido na Escócia, cursou as universidades de Glasgow e Oxford (1737-1746) e em 1776 publicou sua obra mais famosa: A riqueza das nações.

devido a certas condições em relação ao estudo da divisão do trabalho de Adam Smith.

Em sua vida, Smith jamais fundamentou uma teoria sobre o valor-trabalho de forma concreta, mas deixou ideais que em sequência serviram de base para as teorias de trabalho de David Ricardo e Karl Marx. Na visão de Smith, o ponto de partida dessa teoria é a distinção da diminuição de processos produtivos devido aos esforços humanos. Isso se dá devido o desenvolvimento da produtividade do ser humano e do seu vínculo com os processos de trabalho, onde o resultado é o da criação de algum produto ou mercadoria. Com um nível de produtividade maior, tem-se como resultado a produção de novas ferramentas, colaborando com esses novos níveis de produção. Além disso, essas ferramentas e o trabalho, quando usados em conjunto, auxiliam de maneira igual para uma produção seguinte.

Para Smith e outros teóricos, um fato evidente era de que as ferramentas eram resultado do trabalho e que o auxílio delas no processo produtivo era uma contribuição humana concedida por trabalhadores que as produziram. Em suma, um artesão que manipula tecidos faz o uso de uma tesoura, a tesoura é um tipo de produto intermediário utilizado no processo de produção. Com isso, Smith justificava que o trabalho era o preço inicial e que o dinheiro para uma primeira compra pagava qualquer tipo de produto, além de que não foi com ouro e prata que foi feita a riqueza mundial, mas sim com o trabalho. Assim ele provou que era fundamental o pré-requisito de qualquer tipo de produto, o trabalho humano (HUNT, 2005).

Além de Adam Smith, outro importante teórico da escola clássica a ser destacado foi David Ricardo devido à importância no que se respeito da questão do trabalho, além de ser considerado um dos teóricos mais rigorosos entre os do pensamento clássico, que será visto a seguir.

#### 2.1.1.2 O trabalho na visão de David Ricardo

David Ricardo (1772-1823)<sup>2</sup> filho de um abastado capitalista, que assim como seu pai fez fortuna através da bolsa de valores, porém ainda maior, tudo isso antes de completar 30 anos de idade. David Ricardo é o conhecido teórico mais exigente entre os economistas e pensadores clássicos. E em suas teorias acerca da ciência

---

<sup>2</sup> Seus pais nasceram na Holanda e ele nasceu na Inglaterra com seus outros irmãos, e escreveu obras que são conhecidas até os dias de hoje.

econômica trouxe formas de modelos econômicos que são estudados e utilizados até o início do século XXI (HUNT, 2005).

Deve-se salientar que Ricardo não teve qualquer tipo de educação formal, além de que quando era jovem trabalhou com empenho em física e matemática. E que para Ricardo era um sofrimento escrever, de certa maneira da mesma forma que do autor deste trabalho de conclusão de curso, visto que tinha uma mente talentosa, se não fosse devido ao apoio de seus amigos (BRUE, 2005).

Conforme Ricardo, o trabalho tem um preço natural e um preço de mercado, igualmente como produtos e mercadorias que são ofertados e demandados. Para ele o preço natural do trabalho é aquele que simplesmente permite ao trabalhador sua sobrevivência. O preço natural do trabalho depende do custo de vida do trabalhador e de sua família. Se em uma situação ocorrer aumento no custo de vida, o salário nominal aumentará para que dessa maneira o trabalhador possa manter o seu salário real e continuar auxiliando sua família. Em contrapartida, se o preço dos produtos diminuir, os salários nominais também vão diminuir.

O preço de mercado do trabalho é estipulado pela oferta e demanda, então ele flutua relativamente ao preço natural do trabalho. E no longo prazo, esses preços aumentam devido aumentos no custo de produção de alimentos, visto a ocorrência de crescimento populacional. Mas com novas tecnologias e juntamente com importações, esses aumentos nos preços são anulados. Então pode-se dizer que os salários nominais precisam de incrementos, devido ao aumento nos custos de produção dos alimentos, com isso o trabalhador pode manter seu custo de vida, ou seja, sua sobrevivência (BRUE, 2005).

Numa de suas obras, Ricardo desenvolveu a teoria do valor-trabalho, na qual ele defendeu que o valor de qualquer produto era estabelecido pelo quanto de trabalho era contido nele.

Segundo Ricardo (1996, p. 12),

É o trabalho e não a utilidade ou escassez, segundo a outra vertente de teoria do valor existente na época, que pode aquilatar o quanto uma mercadoria vale em comparação com as demais. Não é a utilidade, segundo Ricardo, porque este atributo deve existir em toda mercadoria, e a escassez também não pode ser o fator explicativo, pelo fato de que só é importante para definir o preço de alguns bens raros — como quadros, joias e determinados vinhos —; no caso das mercadorias produzidas industrialmente, não existirá a escassez, desde que se arque com os custos de produzi-las. O trabalho é a contribuição efetivamente social do homem sobre as dádivas da natureza e, portanto, a única fonte real de todo o valor.

Após os teóricos da escola clássica, surge então Karl Marx, sendo o primeiro crítico do sistema capitalista e criador de diversas teorias. Dentre elas, pode-se destacar os seus estudos a respeito do valor do trabalho e a crítica sobre a concepção clássica a respeito do papel do trabalho para a economia.

### **2.1.2 O trabalho na visão de Karl Marx**

Karl Heinrich Marx (1818-1883)<sup>3</sup> foi um grande crítico do sistema capitalista e forte defensor do sistema socialista comunista. Marx enxergava a sociedade dividida em seis estágios. No estágio inicial, chamado por ele de comunismo primitivo, não existiam classes sociais e nem disputas entre si. A produtividade era significativamente baixa, no qual os trabalhadores não conseguiam produzir além de sua subsistência. Aos poucos o nível de produtividade aumentou, com isso os trabalhadores conseguiam produzir mais que era necessário para a sua subsistência. Assim surgiram as disputas entre as classes sociais e, para Marx, esse período foi chamado de Antiguidade, com os povos hebreus, egípcios, gregos e romanos.

Logo depois esse sistema foi terminado e trocado pelo Feudalismo, que para ele era algo totalmente único e era onde a utilização de servos era mais perceptível. No sistema feudal, os servos podiam trabalhar em terras que lhes eram pré-estabelecidas, porém eram obrigados a trabalhar na terra do dono do feudo em outros dias. Ou seja, para ele a exploração era clara e esses servos tinham incentivos para serem produtivos no trabalho, muito mais do que os que eram escravos e não tinham essa possibilidade. Com isso, o feudalismo levou um melhor desenvolvimento para a mão de obra produtiva da sociedade daqueles tempos. O resultado disso foi uma limitação do progresso, que causou a troca do sistema feudal pelo sistema capitalista.

Uma das teorias que Marx desenvolveu foi a teoria do valor do trabalho, na qual foi feita uma análise sobre os produtos em uma sociedade capitalista. Um produto quando é fabricado possui dois objetivos: o lucro para o capitalista e a satisfação de toda e qualquer tipo de necessidade das pessoas, ou clientes. Para ele o valor de uso forma a existência de toda e qualquer riqueza. Marx não tentou medir o valor de uso com números, nem analisou a diminuição da utilidade de um produto devido a aumentos nas quantidades deste mesmo produto. Ele apenas afirmou que uma

---

<sup>3</sup> Nasceu na Prússia, estudou direito, história e filosofia nas Universidades de Bonn, Berlin e Jena, e teve como obra mais conhecida a chamada O Capital publicada em 1867.



grande safra agrícola representava uma maior utilidade e maior riqueza do que uma safra menor. Isso seria correto se a demanda se mantivesse inelástica, então quanto maior fosse a safra, menor seria o seu valor de troca (BRUE, 2005).

Além do valor de uso, um produto também possui um valor de troca, conhecido apenas como valor. Para Marx o valor de um produto vem do tempo de trabalho socialmente essencial, no qual entende-se como o trabalho direto utilizado na sua fabricação, o trabalho contido na ferramenta e na matéria-prima que vão ser usados nos processos de produção e o valor que vai ser incorporado ao produto na etapa final de sua fabricação (BRUE, 2005).

Segundo Brue (2005, p. 178), para Marx e Ricardo a teoria do valor do trabalho difere-se em,

A teoria do valor do trabalho de Marx difere da teoria de Ricardo em um ponto importante: para Marx, o tempo de trabalho determina o valor absoluto de produtos e serviços; Ricardo acreditava que os valores relativos de diferentes mercadorias eram proporcionais ao tempo de trabalho embutido em cada uma delas. Marx acreditava que sua teoria do trabalho descartava a ilusão (aqui está novamente seu materialismo) de que os proprietários de terras e de capital contribuíam para o valor de uma mercadoria. Sua teoria abriu as portas para a teoria da exploração do trabalho.

Após Marx, surgiram novos teóricos, que eram totalmente contrários às suas ideias. Eles foram os responsáveis pela criação da escola neoclássica marginalista, onde foram desenvolvidas teorias baseadas no instrumental matemático. Um economista dessa escola a ser destacado foi John Bates Clark, no qual desenvolveu estudos relacionados à distribuição de fatores de produção e em particular uma teoria relacionada ao trabalho.

### **2.1.3 O trabalho na visão dos neoclássicos marginalistas**

A escola neoclássica apresentou um movimento denominado marginalista, que teve como surgimento em 1870, trazendo novos conceitos e teorias microeconômicas baseados em formulações matemáticas para o seu desenvolvimento.

John Bates Clark (1847-1938)<sup>4</sup> conquistou respeito mundial com suas teorias e trabalhos, além de ter sido o maior contribuinte da América do Norte para a escola

---

<sup>4</sup> Nasceu em Rhode Island, estudou em Amherst no estado de Massachusetts e na Alemanha esteve em Heidelberg, além de ter ensinado em Carleton, Smith, Amherst, Johns Hopkins e em Colúmbia.

marginalista. Ele teve como um de seus estudantes Thorstein Veblen<sup>5</sup>, famoso economista e um dos fundadores da escola institucionalista. Uma de suas maiores contribuições para as Ciências Econômicas foi a criação do termo produtividade marginal, além também da apresentação de uma precisa análise, onde até a sua época não existia, uma teoria sobre produtividade marginal de distribuição (BRUE, 2005).

Clark foi o criador de teorias econômicas dos diversos segmentos das ciências econômicas. Em relação a substituição do trabalho e do capital, Clark usava o exemplo fictício de uma firma que faz a fabricação de meios de transportes, onde mudanças na mão de obra podem ser vistas de forma clara, sem mudanças na quantidade de bens de capital usados no processo de produção. O empresário que quer maximizar seu lucro deve saber e entender duas premissas: qual é o valor do produto marginal do trabalho e qual é o preço do trabalho. A primeira premissa, o valor do produto marginal do trabalho, pode-se dizer que é o valor monetário de um produto marginal ou também pode ser o produto marginal multiplicado por um preço de venda unitário, mas isso tudo apenas no caso específico de uma indústria com concorrência.

A segunda premissa, o preço do trabalho, ainda no mesmo cenário de uma firma que esteja em concorrência, é estabelecido no mercado agregado de trabalho e a firma não consegue influenciar visivelmente o preço do trabalho ou o preço da produção por ela ofertada. Cada firma então vai empregar trabalhadores até o momento no qual o valor do produto marginal do trabalho for igual a remuneração do trabalhador. Quando essa situação ocorrer, a firma então poderá e estará maximizando o seu lucro. E cada fator vai ganhar uma remuneração que corresponde igualmente a do valor de seu produto marginal, nesse caso cada um terá como recebimento o valor do que foi fabricado pelo seu fator, sem ocorrer situações de excedente e apropriação (HUNT, 2005).

Logo após a escola neoclássica e a grande depressão de 1929, um economista ganhou importante reconhecimento e com ele surge a escola keynesiana e seus seguidores. Seu nome era John Maynard Keynes e sua influência é presente até dias de hoje, devido à importância de suas teorias e análises, mudando o pensamento econômico voltado ao liberalismo para o pensamento econômico, em que

---

<sup>5</sup> Thorstein Bunde Veblen (1857-1929) foi um economista e sociólogo estadunidense, filho de imigrantes noruegueses. É considerado o fundador da escola institucionalista de economia, além de ter publicado diversos livros e estudos e ficou conhecido como sendo um espirituoso crítico do capitalismo.

o governo seria parte fundamental e teria um papel no qual viria a ser um grande intervencionista.

#### 2.1.4 O trabalho na visão de John Maynard Keynes

A escola keynesiana concedia ao governo o direito e o dever de fornecer benefícios sociais que garantiram para a população um padrão mínimo de vida, como a criação de um salário mínimo, seguro-desemprego, redução na jornada de trabalho e uma assistência médica gratuita para a sociedade. Essa época da escola keynesiana ficou conhecida como *welfare state* (estado de bem-estar social). Até os dias de hoje, diversos governos utilizam política keynesianas, devido aos resultados positivos que aconteceram no passado, mas com o passar dos anos, as mesmas vêm perdendo força, graças a certos fracassos e falhas.

John Maynard Keynes (1883-1946)<sup>6</sup> foi o último grande economista britânico a exercer forte influência no campo econômico, juntamente com Adam Smith, David Ricardo, J. S. Mill, W. S. Jevons e A. Marshall. Até a década de 1930, a língua inglesa foi a comandante na área do pensamento econômico por suas ideias e, desse período até a década de 1960, Keynes foi de grande inspiração para instituições de modo incomparável. Além disso, até no momento presente é lembrado, comentado e discutido, juntamente com críticas que continuam surgindo por outros economistas e intelectuais da área ou pelo surgimento de novos seguidores de suas teorias e estudos (FEIJÓ, 2001).

O conjunto de ideias desenvolvidos por Keynes em sua obra *Teoria Geral do Emprego, dos Juros e da Moeda* consta de variados componentes que estão inter-relacionados, além de serem motivos de discussões e estudo até os dias de hoje.

Keynes criou o sistema keynesiano, no qual algumas de suas ideias foram utilizadas no desenvolvimento de políticas públicas para promover o nível de emprego e a sua estabilidade, ou seja, para ele o papel intervencionista do governo seria crucial. A respeito do alto índice de desemprego, Keynes sugeriu que deveriam ocorrer aumentos nas despesas agregadas. Ele usou como exemplo um incentivo em investimentos privados em um período de recessão, fazendo pressão para que taxa

---

<sup>6</sup> Sua principal obra *A Teoria Geral do Emprego, dos Juros e da Moeda*, escrita em 1936, foi o responsável pela mudança na forma de olhar para a economia e nas funções do governo, além de ter ajudado na criação do *New Deal* no governo de Franklin Delano Roosevelt nos Estados Unidos da América para combater a famosa crise de 1929.

de juros venha diminuir, só que isso deveria acontecer através de políticas do banco central.

Porém, no caso da taxa de juros deve-se ter muito cuidado em o quão baixo o nível dela pode chegar, pois há uma chance de ocorrer uma armadilha de liquidez. Um problema pode acontecer, se o banco central injetar moeda na economia e as pessoas que possuem saldos ociosos mandarem essa nova moeda para suas poupanças, títulos públicos não serão comprados e a taxa de juros não irá diminuir. Devido a essa armadilha de liquidez, uma política monetária não vai ser eficiente na redução das taxas de juros, além de não conseguir fazer com que gastos em investimentos cresçam em um período de grande recessão.

Para Keynes, a maneira mais eficaz para livrar-se de uma recessão, novamente através do papel atuante do governo, é o uso de uma política fiscal expansiva. Gastos do governo e investimentos privados podem contar como uma fonte de despesas agregadas. Esses gastos conseguiam ter aumentos, fazendo com que as despesas agregadas expandissem, tendo então como resultado o crescimento da renda nacional. Caso o setor privado não consiga utilizar toda a poupança disponível em seus investimentos, o governo então deverá usar esse excedente de poupança e fazer gastos em programas e projetos de investimentos em áreas sociais (BRUE, 2005).

Seguindo essas instruções, além de fazer o uso correto e eficaz de gastos da poupança, o governo pode ajudar e facilitar a fuga de crises e recessões, com isso a sociedade pode ser menos impactada. Mas para Keynes havia um problema, conforme Brue (2005, p. 430),

O principal problema, segundo Keynes, é que, quanto mais rica se torna a sociedade, mais ela poupa e mais difícil fica para manter o nível de emprego. Uma economia empreendedora privada pode encontrar dificuldades em manter investimentos privados adequados. O governo, portanto, talvez precise provocar déficits orçamentários e "socializar" os investimentos. Isso significa que o Estado decidiria sobre o total agregado de investimentos públicos e privados necessários para se obter o pleno emprego. A vida econômica como um todo não precisa ser socializada, porque o sistema existente não emprega mal os fatores de produção que estão em uso. O governo deveria identificar o volume, e não a composição, do emprego.

Esse foi o intervencionismo do governo que Keynes pregava e defendia nas ideias e estudos em que trabalhou e desenvolveu. Com Keynes e suas teorias, surgem novos seguidores e com eles novas ideias e estudos, entre outras pesquisas e a

criação da nova escola keynesiana, nos quais até no momento atual ainda são utilizados, debatidos e analisados.

### **2.1.5 O trabalho na visão dos novos keynesianos**

A influência de John Maynard Keynes e suas ideias, influenciaram outros economistas e intelectuais levando ao surgimento dos pós-keynesianos e dos novos keynesianos.

Ressalta-se a interpretação dos novos keynesianos em relação aos contratos formais relacionadas ao trabalho, nos quais eles afirmam que os sindicatos frequentemente assinam contratos salariais entre firmas e trabalhadores, que em sua maioria que são de longo prazo. Caso ocorram recuos na demanda agregada, diminuições nos salários estão totalmente descartadas, ao invés disso as firmas utilizam a demissão de seus empregados. Em períodos de negociações de contratos, os sindicatos defendem com força essas trocas nos salários dos trabalhadores. O que ocorre então é que os eleitos para representar os associados dos sindicatos, chefes e presidentes sindicais, optam pelo uso do utilitarismo e com isso ocorrem as demissões de poucos trabalhadores, para que assim não ocorra uma diminuição no salário de todos os trabalhadores.

Um outro cenário que pode existir é de quando trabalhadores não associados a sindicatos venham a trabalhar informalmente, ou seja, sem a proteção de contratos e da legislação acerca do mercado de trabalho. Esses trabalhadores informais podem fazer contratos informais, mais conhecidos como acordos, juntamente às firmas para manter os seus salários iguais, mesmo que a demanda agregada venha a diminuir.

Nesse caso a firma é mais beneficiada do que o trabalhador informal, porque pode trazer indivíduos qualificados, mas que precisam de menos monitoramento, além de pagar menos impostos. De maneira geral, se o trabalhador não quer aceitar quedas em sua remuneração e quer ficar protegido disso, ele então deve aceitar quando a firma decide utilizar a demissão como uma maneira de se abrigar da demanda agregada que pode diminuir em certos períodos (BRUE, 2005).

Após a escola dos novos keynesianos, surge a concepção neoliberal, na década de 1970 que trouxe consigo ideais e correntes da escola clássica. Ideias essas, frutos das falhas e dos fracassos das políticas macroeconômicas keynesianas, após os resultados positivos para as economias, de países e regiões que adotaram

tais políticas, em certos períodos de crises e recessões. Além disso, também eram contra o estado de bem-estar social e para eles a liberdade econômica estava sendo comprometida.

### 2.1.6 O trabalho na visão dos neoliberais

A escola neoliberal retorna ao pensamento clássico sendo totalmente contra a intervenção do governo e sendo a favor do mercado livre, visto que o mercado e a ordem econômica se autorregulam. Ganhou força nos governos de Ronald Reagan<sup>7</sup> nos Estados Unidos e de Margaret Thatcher<sup>8</sup> no Reino Unido. Dentro do pensamento neoliberal, duas escolas surgem e são conhecidas até os dias de hoje: primeiramente a escola Austríaca ou conhecida como Escola de Viena, seguida pelos *Chicago Boys* ou conhecida como Escola de Chicago, dos Estados Unidos.

Essas escolas possuem diferenças quanto a sua abordagem, segundo Hunt (2005, p. 442),

O problema de juntar a escola austríaca e a de Chicago numa mesma classificação é que, embora ambas destaquem os benefícios universais da troca, o individualismo extremado e a defesa doutrinária do *laissez-faire*, elas têm diferenças metodológicas. De modo geral os austríacos defendem uma abordagem racionalista à teoria econômica, enquanto Milton Friedman e seus seguidores defendam a abordagem empírica. Embora atualmente seja muito comum entre os profissionais da economia acadêmica denominar todos os defensores do *laissez-faire* extremamente individualista como sendo da “Escola de Chicago”, seria provavelmente mais exato dizer que a ala mais conservadora do neoclassicismo contemporâneo se divide igualmente entre os que, em termos metodológicos, seguem a escola austríaca e os que seguem a Escola de Chicago de Milton Friedman.

Um autor a se destacar é Gary Stanley Becker (1930-2014)<sup>9</sup>, o qual foi um economista e grande teórico da Escola de Chicago. Becker foi presidente da *American Economic Association* no ano de 1986, na década de 1980 começou a escrever para a *Business Week*, onde conquistou respeito e prestígio, além de que no ano de 1992

---

<sup>7</sup> Ronald Wilson Reagan (1911-2004) foi um ator, político norte-americano e o 40º Presidente dos Estados Unidos. Seu governo ficou marcado por políticas neoliberais que resultaram no crescimento da economia norte-americana, além de ser marcado como um grande ícone conservador.

<sup>8</sup> Margaret Hilda Thatcher (1925-2013) foi uma política britânica e serviu como Primeira-Ministra do Reino Unido. Ficou conhecida pelas políticas econômicas neoliberais usadas para combater a recessão que o país estava enfrentando. Ficou conhecida como uma forte figura conservadora.

<sup>9</sup> Nasceu no estado da Pensilvânia nos Estados Unidos, fez sua faculdade em Princeton e recebeu seu doutorado da Universidade de Chicago, além de ter sido professor na Universidade de Columbia e na faculdade de Chicago.

recebeu o prêmio Nobel de economia, sendo em sua carreira intitulado como um imperialista intelectual.

Em 1981, Becker escreveu o livro *A treatise on the family*, onde comenta e analisa a família tradicional em conjunto com a economia. Em uma parte do livro, descreve sobre a teoria do casamento, o qual possibilita a divisão do trabalho e permite aos membros da família maximizar a sua produção agregada, além de poder fazer um consumo de produtos que possa lhes trazer o bem-estar econômico. A geração e criação de filhos pode ser chamada de produtos centrais e que irão colaborar e auxiliar no casamento, ou seja, os membros da família param de ser pessoas individualistas.

As habilidades únicas de cada indivíduo, que podem vir de experiências ou de investimentos em capital humano, trazem melhores remunerações e melhores opções no mercado de trabalho, além de facilitar a sua entrada nesse mercado. Entretanto, a produção doméstica deverá ser feita pela pessoa que tem uma produtividade maior para esse tipo de trabalho, onde nesse caso, historicamente e tradicionalmente, a mulher casada tem se qualificado na criação dos filhos, além de em outros serviços domésticos.

Um outro ponto a ser destacado sobre o estudo de Becker, foi que ele evidenciou e relacionou com a divisão do trabalho, o casamento acerca de que pequenas diferenças relacionadas a habilidade produtiva entre os parceiros do casamento, vão resultar em diferenças entre o tempo no mercado de trabalho, o tempo no serviço doméstico e o tempo de consumo. O motivo disso é de que o envolvimento do indivíduo numa atividade, onde ele está totalmente focado, faz com que aumente o seu estoque de capital humano, resultando numa maior produtividade.

Becker conclui então, que o casamento em geral traz entre homens e mulheres uma escolha positiva e de qualidade alta, isso tudo com o objetivo de complementar a produção de ambos. As peculiaridades únicas de cada um dos membros vão fazer com que cresça a contribuição marginal do outro membro, que não possui uma dessas peculiaridades na produção da renda total da família, podendo haver um maior consumo de produtos (BRUE, 2005).

Assim sendo, após esse breve histórico sobre os principais pensadores econômicos e suas teorias e estudos sobre o trabalho, segue-se então o capítulo 3. Nesse capítulo, é apresentado a definição e o conceito de mercado de trabalho, a

formalidade e informalidade, o desemprego, entre outras definições relacionadas com o mercado de trabalho.

Ao final do capítulo, serão abordados os setores de atividade da economia, concluindo com os conceitos acerca dos setores de atividade econômica, seus principais segmentos e sua importância no desenvolvimento de regiões e nações.



### **3 ORGANIZAÇÃO DO MERCADO DE TRABALHO E SETOR DE ATIVIDADE**

O mercado de trabalho é essencial para o funcionamento da economia de uma região ou nação. Ele insere o indivíduo que oferta sua força de trabalho para o empregador que, em contrapartida, demanda essa força de trabalho. Nesse mercado, ocorre a relação entre o empregado e o empregador, resultando como fruto disso a geração de renda, recolhimento de impostos, criação de consumo, entre tantos outros resultados.

Outra variável pertinente ao mercado de trabalho que deve ser informada é em relação a atividade econômica que ele está inserido. Essas atividades econômicas estão segmentadas em três grandes grupos e dentro deles se encontram suas subdivisões.

Este capítulo irá abordar conceitos relacionados ao mercado de trabalho, bem como trazer explicações sobre seus ramos e meios. E no final será apresentado definições sobre os setores de atividade econômica e os seus principais grupos.

#### **3.1 A ORGANIZAÇÃO DO MERCADO DE TRABALHO**

O mercado de trabalho apresenta uma organização dinâmica entre a oferta e a demanda de trabalho. Essa dinâmica muda em tempos de crise e recessão, ou em tempos de crescimento. A economia do trabalho é a responsável pela análise do mercado de trabalho de diversas formas.

Segundo Ehrenberg e Smith (2000), a economia do trabalho contempla todo o estudo acerca do funcionamento e dos resultados do mercado de trabalho. Numa visão mais detalhada, a economia do trabalho cuida do comportamento dos empregadores e empregados em relação aos incentivos financeiros que ambos recebem e de aspectos não relacionados a dinheiro, mas que tem a ver com as relações de trabalho entre o empregado e o empregador. Esses incentivos também podem auxiliar tanto na motivação como na limitação da escolha individual dos trabalhadores em relação ao mercado de trabalho, ou seja, na remuneração, nas condições de trabalho, nos contratos e acordos de trabalho, entre outros fatores.

No sistema capitalista de produção, tem-se como resultado o uso da mão de obra assalariada em grande escala em diversos processos produtivos, com isso surge o mercado de trabalho sendo uma organização essencial para o andamento da economia. Esse mercado pode ser compreendido como a compra e a venda da força

de trabalho de indivíduos que estão dispostos a receber algum tipo de remuneração em troca, além de mostrar o local onde ocorre o relacionamento entre o empregado e o empregador, bem como acordos e contratos entre ambos. Certas vezes o governo intervém, para estipular algum nível de remuneração e de emprego, além das condições de trabalho e tópicos acerca do trabalho e do capital (CHAHAD, 2011).

E logo em seguida, é evidenciado a divisão do mercado de trabalho em formal e informal quanto dos postos de trabalho. Este mercado pode então ser chamado de formal ou também informal, entretanto tudo dependerá de contratos de trabalho e da legislação vigente, estes cuja ligação terão entre o empregador e o empregado.

### **3.1.1 Mercado de trabalho formal e informal**

Em sociedades capitalistas modernas, o regime de trabalho principal é feito através do assalariamento, ou seja, o indivíduo terá um contrato de trabalho no qual será assalariado. Após, tem-se o trabalho por conta própria, mais conhecido como trabalho autônomo, no qual o indivíduo não possui contrato de trabalho algum e pode ser de qualquer tipo de atividade. E por fim, pela situação de empregador, ou entendido como o indivíduo que é um empresário e contrata a força de trabalho das pessoas em troca de remunerações.

Todos esses regimes de trabalho são realizados de duas formas: o trabalho formal e o trabalho informal. O trabalho formal é aquele estabelecido por normas legais e contratos, nos quais existem órgãos que são responsáveis pela regulamentação das atividades econômicas e do mercado de trabalho.

No caso do trabalho formal brasileiro, conforme Dedecca (1998, p. 98),

Na experiência brasileira, a formalidade é explicada pela existência da carteira de trabalho para os assalariados, pela contribuição à Previdência pelo registro municipal para os autônomos e pela constituição de uma empresa para os empregadores. O cumprimento ou não das normas legais explica uma segmentação do mercado de trabalho entre formal e informal.

Quanto ao trabalho e a sua relação com o mercado de trabalho informal, pode-se afirmar que ele é representado e formado por trabalhadores assalariados sem a inscrição e o registro da carteira de trabalho, os trabalhadores independentes que possuem baixa remuneração (excluem-se aqui os profissionais liberais) e os pequenos empregadores (excluído nesse segmento o microempreendedor individual).

É suspeito de dizer que nesse mercado pode haver a inserção de trabalhadores que estejam sim sobre a integração e a proteção social. Mas existe também um consenso de que uma grande parte desse mercado efetua atividades fora da proteção legal e em situações de precariedade produtiva, fazendo com que a produção nacional não cresça e seja ineficiente quanto a alocação de seus recursos (DEDECCA, 1998).

Além disso, pode-se medir o mercado de trabalho por diferentes óticas, como: pela ótica da microeconomia, pela ótica da macroeconomia e pela ótica socioeconômica.

### **3.1.2 Óticas do mercado de trabalho**

A magnitude do mercado de trabalho pode ser vista e analisada através de diferentes óticas dentro das Ciências Econômicas. Na ótica de microeconomia, esse mercado pode ser compreendido pela teoria dos preços, teoria essa fundamental para o estabelecimento dos níveis de salários e de emprego dos trabalhadores. Pela ótica da macroeconomia, o mercado de trabalho ajuda na determinação do nível de demanda agregada, do produto e do emprego, além do seu peso e impacto nos mercados de bens e serviços de um determinado país ou região.

Por último, tem-se a ótica socioeconômica, que é relevante pelo fato de relacionar os trabalhadores às suas remunerações, o desemprego e subemprego, a situação da rotatividade, a produtividade e a situação das suas condições de trabalho (CHAHAD, 2011).

Após feita uma breve abordagem sobre o mercado de trabalho e suas óticas, será feita uma exposição sobre o comportamento do mesmo e a rotatividade de postos de trabalho no mercado de trabalho.

### **3.1.3 Comportamento do mercado de trabalho**

Não se pode analisar o mercado de trabalho isoladamente, distante do contexto econômico, já que as suas variáveis determinantes como renda, emprego, desemprego, rotatividade e produtividade, encontram-se todas relacionadas pela atividade econômica de um determinado país ou região.

Em um cenário de curto prazo, devido à maior velocidade das expansões e das recessões, mudanças em salários, no nível de emprego, na rotatividade e na

produtividade ocorrem de maneira mais acelerada e com maior facilidade de serem analisadas. Porém, em recessões e crises tudo ocorre de maneira inversa, onde alguns setores levam mais ou menos tempo para serem atingidos.

No cenário de longo prazo, o crescimento da economia traz avanços no mercado de trabalho, como aumentos nos salários reais, com isso mais bens são disponibilizados para o consumo. Os níveis de emprego crescem, gerando novos postos de trabalho em diversos setores aquecidos pela economia, ou também em firmas que aumentam sua capacidade instalada, devido também a novas ferramentas e tecnologias utilizadas. E os trabalhadores investem em capital humano, com educação e treinamentos, levando a maiores rotatividades devido às novas oportunidades que surgem (CHAHAD, 2011).

Com o comportamento do mercado de trabalho, tem-se dados relacionados à população que está trabalhando ou procurando trabalho, ou além disso sobre a população que não está trabalhando e não está procurando emprego. Essa parcela é denominada de população economicamente ativa.

### **3.1.4 População economicamente ativa e não economicamente ativa**

Através do desenvolvimento e do progresso das sociedades capitalistas durante o século XX, foram impostas mudanças, além da criação de barreiras para a participação de menores, mulheres e idosos ao trabalho. Além de tentar acabar ao máximo com determinadas condições de trabalho degradantes que eram impostas aos trabalhadores. Isso levou a criação de critérios sociais que tiveram a responsabilidade de controlar a entrada da população ao mercado de trabalho.

Tentou-se diminuir a participação de anciões no mercado de trabalho, com o estabelecimento das idades de 65 ou 70 anos, através de programas previdenciários para que assim não fosse mais permitido a sua permanência no mercado de trabalho.

Juntamente disso, com a implementação do sistema educacional universal, foi também estabelecido de que deveria haver a proibição de trabalho infantil. Estipulou-se de que a faixa etária de 15 anos era a idade mínima para a entrada no mercado de trabalho, além de ter sido aprovado para a população com idade de 10 a 15 anos, ter a sua entrada nesse mercado de maneira antecipada como aprendiz de algum tipo de atividade econômica.

Através dessas limitações, atualmente considera-se que a parcela da População Total (PT) das faixas etárias entre 15 e 65 anos é denominada de População em Idade Ativa (PIA), ou seja, é aquele segmento da sociedade que consegue e pode fazer parte da produção nacional.

A restrição de faixas etárias da PIA vai ser diferente dependendo do estágio de desenvolvimento, no qual se encontra cada país ou determinada região. Em países nos quais tiveram o seu desenvolvimento atrasado, a implementação de políticas públicas se deu de maneira menos eficiente. Nessas localidades, ficou determinado que os componentes da PIA seriam os indivíduos da faixa etária de 10 anos ou mais, além de que não foi estabelecido uma norma de idade limite para a sua participação nas atividades econômicas, ou seja, sendo permitido que o trabalhador venha a trabalhar até vir a falecer.

Porém, existem limitações entre os indivíduos dessas faixas etárias e com eles é formada outra classificação de população, conforme Dedecca (1998, p. 96),

Mas nem toda a população de 10 anos ou mais está disponível para a vida produtiva. Os estudantes, os doentes, as donas de casa, os aposentados não se encontram presentes no mercado de trabalho. Portanto, apenas uma parcela da PIA realiza alguma atividade considerada produtiva. Essa parcela é denominada de População Economicamente Ativa (PEA).

No caso brasileiro, a faixa etária de 10 anos ou mais que auxilia na produção comercial tem de ser apontada parte da PEA. É o papel da PEA de configurar a oferta de trabalho para a conservação e sustentação do sistema de produção nacional. Se por acaso, a oferta conseguisse ser igual a demanda de trabalho, não existiria desemprego ou o termo desempregado seria denominado apenas para os trabalhadores que estão mudando suas ocupações (DEDECCA, 1998).

Com as informações referentes à população economicamente ativa ou não ativa e com ou sem empregos, tem-se as informações em relação à taxa de participação do mercado de trabalho que mede o tamanho da força de trabalho.

### **3.1.5 Taxa de participação do mercado de trabalho**

Pode-se usar como medidor do tamanho da força de trabalho a taxa de participação do mercado de trabalho. Isso é feito através de estimativas que vão quantificar quantos postos de trabalho encontram-se disponíveis na economia. Essa taxa também pode estimar e informar o perfil de quem está trabalhando ou procurando

emprego, além de outras variáveis pertinentes ao mercado de trabalho, como renda, sexo, faixa etária, nível de escolaridade, entre outros.

Segundo Chahad (2011, p. 451),

Regra geral, para qualquer país, observa-se que:

a) a taxa de participação masculina é maior que a feminina, pois os afazeres domésticos não são considerados ocupações economicamente ativas e são exercidos majoritariamente pelas mulheres;

b) a participação adulta é maior que a participação jovem ou idosa. A necessidade de educar e a aposentadoria são as explicações tradicionais para a menor participação desses dois últimos grupos;

c) a participação feminina tende a crescer com o desenvolvimento econômico, seja porque aumentam as oportunidades de emprego para as mulheres, seja porque o próprio papel delas com relação ao trabalho é visto de forma diferente.

Além da taxa de atividade do mercado de trabalho e de todos os trabalhadores formais e informais, sabe-se também que, quem não está empregado, amparado pela legislação vigente, é considerado como desempregado ou pode ser também considerado quem está sem emprego.

### **3.1.6 Desemprego**

Ao longo da história, constantes transformações vêm ocorrendo no mercado de trabalho. Trabalhadores perdem seus empregos ou pedem demissão e as firmas cortam custos ou investem em mão de obra. A respeito do capital humano e do mercado de trabalho, indivíduos demoram a entrar no mercado de trabalho devido a sua escolha em investir primeiro nos estudos. Tem-se o caso de outros indivíduos que estavam por algum período fora desse mercado, mas que depois de um tempo ocioso retornam para ele, com isso pode-se explicar de maneira geral o dinamismo desse mercado. Se ocorresse um cenário no qual houvesse a perfeita troca de informações entre os trabalhadores, que estão na procura de emprego, e as firmas, que estão na procura de trabalhadores, então o desemprego não existiria.

Existem tipos de desemprego devido a não existência da perfeita troca de informações. Um deles é o desemprego friccional, o qual ocorre quando os trabalhadores e as firmas precisam de tempo para cada um achar ao outro e ambos cogitarem uma fusão. Esse tipo de desemprego não está associado a um problema estrutural na economia, como de um desequilíbrio entre o número de indivíduos que estão à procura de emprego e o número de postos de trabalho que se encontram disponíveis.

Esse tipo de desemprego não é motivo de alerta para os órgãos responsáveis por políticas públicas voltadas ao emprego, além desse desemprego ocorrer em períodos de curto prazo. Mas é algo que pode ser analisado positivamente numa visão de eficiência entre empregado e empregador, porque essa procura e oferta de postos de trabalho vai gerar uma melhor alocação de recursos, ou seja, as firmas irão contratar trabalhadores mais qualificados. E além disso, quanto a eliminação desse tipo de desemprego, segundo Borjas (2012, p. 552),

Também existem soluções fáceis, em termos de políticas para reduzir o desemprego friccional, tais como proporcionar informações aos trabalhadores sobre vagas disponíveis e proporcionar informações às empresas sobre trabalhadores desempregados.

Além desse tipo de desemprego, diversos trabalhadores enfrentam o desemprego sazonal. Pode-se usar como exemplo os trabalhadores de montadoras que frequentemente são demitidos devido a utilização de novos processos de produção, além dessas firmas fecharem esses postos para poderem reequipar-se. Esse período de sazonalidade na maior parte das vezes pode ser previsto. E o desemprego sazonal, da mesma forma como o friccional, não pode ser considerado um problema sério de desemprego, porque a maior parte desses indivíduos que perderam seus postos de trabalho, o terão de volta quando o período de contratações recomeçar (BORJAS, 2012).

Para Borjas existem diferentes tipos de desemprego, além de haver uma maneira de como acabar, ou pelo menos de amenizar cada um deles. Borjas tem como seus estudos os tipos de desemprego, mas não a definição do que é em si desemprego. Entretanto, diferentemente do seu pensamento, o desemprego segundo Kon (2016, p. 228),

A partir dessas conceituações, é possível questionar que uma vez que existe o Empregado, a condição oposta a esta situação deve ser considerada Desempregado, ou seja, indivíduos que, embora ocupados, não trabalham para um empregador (pessoa física ou jurídica) cumprindo uma jornada de trabalho e recebendo em contrapartida uma remuneração em dinheiro, mercadorias, produtos ou benefícios.

A definição de Kon é mais direta a respeito do desemprego. Entretanto, é apenas sobre o que é desemprego, mas não sobre os tipos que existem. Mesmo assim a sua conceituação é válida, visto que numa linha de pensamento próxima da sua, o desemprego conforme Reinert (2001, p. 46),

A definição de desempregado, encontrada numa pesquisa mensal sobre a força de trabalho no Japão, é a "de alguém que não desenvolveu qualquer tipo de trabalho (ou o fez, mas por menos que uma hora) durante a semana de referência, que procurou ativamente por trabalho ou esperou pelo resultado da última pesquisa, mas mesmo assim, ficou disponível para o trabalho."

Voltando para os tipos de desemprego e os possíveis meios para terminá-los ou amenizá-los, deve ser comentando o tipo de desemprego estrutural e o desemprego que ocorre em crises e recessões.

O desemprego estrutural gera a maior atenção e cuidado, pois indivíduos que estão na procura de emprego podem não adequar-se aos postos de trabalho que encontram-se disponíveis. A variável que apresenta peso nesse caso é a da qualificação, pois certas qualificações podem ser específicas e requisitadas para devidas vagas, junto com o crescimento de alguns setores. Como resultado, demissões de indivíduos com menores qualificações ocorrem nesses setores em expansão. Devido a exigência de qualificações no mercado de trabalho, indivíduos que não as possuem permanecem longos períodos afastados desse mercado, porque precisam e devem aumentar os seus níveis de qualificação. Com isso, o desemprego estrutural acontece devido à baixa qualificação dos trabalhadores de não acompanhar o nível das que as firmas exigem (BORJAS, 2012).

Nessa situação, as políticas públicas devem ser totalmente diferentes das utilizadas para os tipos de desempregos friccional ou sazonal. Para o governo poder resolver esse problema, no qual é o nível de capital humano atrasado desses indivíduos, ele terá de disponibilizar programas para a capacitação da qualificação desses que estão fora do mercado de trabalho e que não estão sendo demandados pelas firmas.

O último tipo de desemprego a ser comentado, diferentemente dos anteriores, se dá quando acontece um desequilíbrio estrutural entre a quantidade de indivíduos que estão na procura de emprego e a quantidade de postos de trabalho que se encontram disponíveis, mesmo que o nível da qualificação desses indivíduos seja de nível elevado. Esse desequilíbrio pode vir a acontecer devido ao cenário conjuntural de uma recessão instaurada.

Diante disso, as firmas precisam de uma força de trabalho menor para atender a demanda reduzida devido à recessão, além também de ocorrer a demissão em massa de trabalhadores nesse cenário. Isso faz com que aconteça o desemprego cíclico, em razão de um excesso de oferta da força de trabalho e o mercado não



conseguir mais se equilibrar, graças aos salários serem rígidos e não poderem ser diminuídos. Mesmo que o governo faça programas voltados para a qualificação, como no caso do desemprego estrutural, não terá êxito algum. Para poder acabar com esse tipo de desemprego, o setor público deverá incentivar a demanda agregada e trazer de volta o equilíbrio de mercado para esses salários rígidos (BORJAS, 2012).

O desemprego afeta, de períodos em períodos, pessoas no mundo inteiro e prejudica o desenvolvimento de países. Com o desemprego e seus tipos comentados e definidos, a seguir apresenta-se a taxa de ocupação que pode informar como se encontra o emprego em determinado lugar.

### **3.1.7 Taxa de ocupação**

A taxa de ocupação, que na maioria das vezes é conhecida de índice de emprego, consegue ser utilizada para a medição e a dimensão da população economicamente ativa, que pode ser classificada como empregada ou ocupada, contudo, deve-se cuidar a faixa etária dessa população. Ou seja, a mesma aponta o agrupamento de mão de obra desocupado e usado por firmas (CHAHAD, 2011).

Com a taxa de ocupação do mercado de trabalho, pode-se analisar informações e dados referentes ao subemprego e a informalidade da população, que contempla os trabalhadores sem contratos de trabalho e sem a proteção da legislação do mercado de trabalho formal.

### **3.1.8 O subemprego e a informalidade**

Uma definição utilizada a respeito do subemprego, pode ser compreendida como a condição do indivíduo que possui um alto nível de qualificação, mas que está ocupado em uma vaga inferior à do seu nível atual. Além disso, pode ser o caso do indivíduo que trabalha por um tempo inferior ao da jornada de trabalho estabelecido pela norma vigente. Ou ainda, quando ocorre a situação de que um indivíduo com qualificação e experiência não consegue uma vaga que venha a ser do seu nível de aptidões, se sujeitando a trabalhar até em segmentos diferentes dos seus anteriores.

Quando ocorrem esses tipos de situações, o indivíduo em regime de subemprego precisa conformar-se com vagas que apresentam remunerações inferiores e com menores chances de estabilidade. Isso pode ocorrer quando ele não

tem qualquer tipo de renda para a sua mínima subsistência, enquanto estiver a procura de algum tipo de trabalho.

O subemprego pode ser traduzido como ineficiência dos órgãos responsáveis pela regulamentação do mercado de trabalho ou de casos com jornadas de trabalho semanais com poucas horas. Com isso, pode-se dizer que os trabalhadores que apresentarem qualquer nível de qualificação podem chegar na condição de subemprego, sendo do indivíduo com baixa qualificação até o indivíduo com elevada qualificação (KON, 2016).

O grau de subutilização da força de trabalho pode ser explicado como subemprego e existem diversas maneiras de mensurá-lo. O desenvolvimento econômico baixo e/ou atrasado de um país ou região, pode ser umas principais causas e variáveis para a existência do subemprego, como ocorre em regiões da América Latina, África ou Ásia.

O subemprego retrata a parte da população subutilizada em consequência do modelo de crescimento econômico escolhido por um país ou determinada região, no qual retira de circulação diversos indivíduos de uma sociedade da prática de atividades econômicas produtivas e eficientes. A área rural apresenta o problema de ter baixa ocupação, além de representar as atividades com baixa produtividade, nesse caso o subemprego é claramente evidente. Na área urbana o problema é o mesmo, porém há pouco tempo se teve a mudança do termo subemprego para mercado ou setor de trabalho informal (CHAHAD, 2011).

Entre as inúmeras consequências que desemprego pode causar, é a de levar diversas pessoas para a informalidade do mercado de trabalho, por motivo de pouca oferta de empregos formais. Dessa forma, se tem a rotatividade da mão de obra quando a economia está em crescimento ou em pleno emprego, fazendo com que ocorra um aumento nessa rotatividade.

### **3.1.9 A taxa de rotatividade da mão de obra**

A rotatividade do emprego leva a uma ideia de que a mão de obra demitida, ou também que escolhe para si mesma a demissão, vai ser substituída, enquanto que quando ocorre o mesmo, mas não ocorre a reposição dessa mão de obra, leva então ao conceito ou ideia de desemprego.

Em tempos de recessão e crise, onde as oportunidades para os trabalhadores diminuem em relação à demanda de emprego, essa força de trabalho reduz a sua movimentação entre empregos, causando uma menor rotatividade no mercado de trabalho. Mas para as firmas nesse período onde se tem mais desemprego e uma grande quantidade de mão de obra ocorre o oposto, elas podem trocar os seus trabalhadores menos qualificados por outros com maior experiência e qualificação. Ou ainda, se a crise ou recessão for mais severa, as firmas irão tentar segurar os trabalhadores que tiveram maiores custos de investimentos.

Em períodos de crescimento econômico, segundo Chahad (2011, p. 456),

No período de expansão econômica, a questão fica mais clara. Do ponto de vista dos trabalhadores, elevam-se as chances de mobilidade em direção a empregos com maiores salários e mesmo ascensão ocupacional. Pelo lado das firmas, com uma oferta de trabalho em expansão, elas podem treinar melhor seu contingente de mão de obra, utilizando-se disso para trocar com maior rapidez os ocupados num determinado posto de trabalho. Em consequência, a rotatividade como um todo tende a se elevar na expansão.

Num cenário de crescimento econômico de longo prazo, o curso do mercado de trabalho é de aumentar o seu nível, devido a maior parte da mão de obra que vai estar conformada com os postos de trabalho formais disponíveis, elevando a rotatividade entre os empregados (CHAHAD, 2011).

Com o mercado de trabalho definido e conceituado, além dos comentários a respeito de grande parte de seus segmentos, a seguir tem-se os setores de atividade econômica, bem como as suas definições e sua importância para o dinamismo de uma economia.

### 3.2 SETORES DE ATIVIDADE ECONÔMICA

A atividade econômica pode ser compreendida como a produção de diversos tipos de bens e de serviços, cujo objetivo é satisfazer vontades e desejos do ser humano. Através da sua capacidade de trabalhar, o homem é quem vai ser o responsável por essa produção. É ele que vai fazer, organizar, executar, administrar, ordenar, entre tantas outras atividades que são parte do processo de produção.

Em uma sociedade moderna, as atividades produtivas são feitas por unidades de produção ou por firmas, onde serão empregados o trabalho, o capital e os recursos naturais, para se ter como resultado final os bens e os serviços. Juntamente, nessas unidades de produção, é possível fazer acontecer a famosa teoria desenvolvida pelo

grande pensador econômico Adam Smith, a divisão do trabalho (conforme explicado no capítulo 2).

Conforme Troster e Mochón (2002, p. 19),

A organização dos fatores produtivos (terra, trabalho e capital) dentro das empresas, assim como a direção de suas atividades, recaem sobre as pessoas ou grupos de caráter privado ou público. Na economia, os diversos papéis que desempenham os agentes econômicos, isto é, as famílias ou unidades familiares, as empresas e o setor público, podem ser agrupados em três grandes setores.

Esses três grandes setores econômicos são os responsáveis de reunir os recursos produtivos, com o propósito de produzir bens e serviços, através de tecnologias específicas, com o objetivo de satisfazer a demanda dos consumidores.

### **3.2.1 Os setores econômicos primário, secundário e terciário**

Em uma economia de determinado país, os seus setores econômicos podem ser divididos de acordo com todos os produtos que são produzidos, pelos diversos ramos da economia e também pelos recursos utilizados. Esses setores apresentam o nível de desenvolvimento econômico de um país e são chamados de primário, secundário e terciário.

Os três grandes setores, conforme Souza (2007, p. 15),

- a) setor primário (agropecuária), composto pelas lavouras, produção animal (pecuária), caça, pesca, extração vegetal, reflorestamento e indústria rural;
- b) setor secundário (indústria), formado pela indústria extrativa mineral, mineral não metálico, petróleo e gás; pela indústria de transformação, indústria da construção civil e pelos serviços industriais de utilidade pública. A indústria de transformação pode ser desdobrada em um número de indústrias: siderurgia, metalurgia, mecânica, material elétrico, material de transporte, química, petroquímica, plástico, eletrônica, vestuário, mobiliário, produtos alimentares etc.;
- c) setor terciário (serviços), incluindo o comércio, transportes, comunicações, instituições financeiras, administração pública, educação e saúde, autônomos e outros serviços.

Em suma, o setor primário apresenta-se relacionado com a produção através da utilização de recursos naturais, é vulnerável a fenômenos da natureza como o clima, além de que não gera muita riqueza, devido o valor agregado de seus produtos quando comparado com os produtos industrializados. Após, tem-se o setor secundário, que é o setor econômico que transforma as matérias-primas (produzidas pelo setor primário), em produtos industrializados. Por fim, considera-se o setor terciário, setor este responsável pela oferta de produtos não materiais, no qual as

pessoas ou as empresas vão prestar para terceiros, com o objetivo de satisfazer e atender determinadas necessidades.

O próximo capítulo irá abordar o emprego formal por setor de atividade da Região Sul do Brasil, contemplando os estados do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e do Paraná, onde serão apresentados elementos referentes ao número de postos de trabalho formais, ou conhecidos pelo regime de carteira assinada.

Serão evidenciadas informações acerca de cada estado da Região Sul do Brasil, onde irão constar dados sobre o número total de postos de trabalho, o nível de escolaridade, a faixa etária, o sexo e a remuneração dos trabalhadores, ou seja, o perfil de quem trabalha no setor de serviços. Logo a seguir, tem-se a análise do impacto da crise nesse setor e por fim, as projeções para o mercado de trabalho do setor de serviços na Região Sul do Brasil.

## **4 EMPREGO FORMAL PELO SETOR DE ATIVIDADE ECONÔMICA DA REGIÃO SUL DO BRASIL**

Este capítulo apresenta dados sobre o mercado de trabalho formal brasileiro através de uma base de dados pública e de livre acesso fornecida pelo governo nacional. A base de dados utilizada é composta pela Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) que traz informações sobre o estoque de emprego formal brasileiro e pelo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) que apresenta dados sobre a movimentação mensal de postos de trabalho formais.

Os dados são acerca do estoque de emprego na Região Sul do Brasil, além também de trazer o perfil do trabalhador formal do setor de serviços, com informações a respeito da escolaridade, faixa etária, sexo e remuneração média anual. O período para as análises dos dados escolhidos deste estudo se inicia em 2013 e termina em 2017, último ano disponível oficialmente. E por fim, será feita uma estimativa para o ano de 2018, não disponível de maneira oficial, através do cruzamento dos dados da movimentação de postos de trabalho do CAGED com o estoque de emprego da RAIS.

### **4.1 A REGIÃO SUL DO BRASIL**

A região escolhida como estudo deste trabalho é a Região Sul do Brasil, que é composta pelos estados do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e do Paraná. Entre todas as regiões do Brasil, é a menor e a única das regiões fora da zona intertropical, além de fazer fronteira com os países Uruguai, Argentina e Paraguai. Essa região apresenta o segundo PIB nacional, em torno de 16,5%, sendo importante para a economia brasileira, além de empregar milhares de pessoas.

É uma região com alto nível de desenvolvimento, quando comparada com as demais, apresentando os setores da indústria e da agricultura significativos desempenhos e resultados, fazendo com que pessoas busquem emprego e melhor qualidade de vida. Outro setor a ser comentado na região é o de serviços, que apresenta avanços em sua participação no crescimento econômico, juntamente com o seu desenvolvimento que vem aumentando nos últimos anos.

Por fim, deve-se deixar evidente que o banco de dados utilizado contém informações apenas sobre o mercado de trabalho formal. O mercado de trabalho informal não será levado em consideração, seja qual o seu peso e tamanho para a economia brasileira. Isto pode ser justificado devido a pesquisa sobre trabalho

informal no Brasil ser realizada apenas em regiões metropolitanas pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD).

Com isso definido, será evidenciado primeiramente o emprego formal no Brasil por setor de atividade econômica, seguido pela Região Sul do Brasil, tendo como início o estado do Rio Grande do Sul, após o estado de Santa Catarina e por fim, o estado do Paraná.

#### 4.1.1 Emprego formal na Região Sul do Brasil

O emprego formal brasileiro, que utiliza o regime de Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), é um dos responsáveis pelo crescimento da economia do Brasil. Além disso, cada um dos setores econômicos pode explicar como se encontra a situação da economia do país, ou seja, dependendo do setor que apresenta quedas ou aumentos no seu estoque pode-se dizer se a economia está crescendo ou não. Com os dados disponíveis pela RAIS pode-se analisar o número de postos de trabalho, como será evidenciado a seguir.

Através da base de dados RAIS, pode-se analisar o número de postos de trabalho totais do Brasil, por setor de atividade econômica, do período de 2013 a 2017, como é mostrado na Tabela 1.

Tabela 1 - Estoque de emprego formal por setor de atividade econômica no Brasil (2013 a 2017)

IBGE Setor	2013	P. Perc.	2014	P. Perc.	2015	P. Perc.	2016	P. Perc.	2017	P. Perc.
1 - Extr. mine.	261.383	0,53%	257.606	0,52%	240.488	0,50%	221.331	0,48%	212.337	0,46%
2 - Indús. de transf.	8.292.739	16,94%	8.171.022	16,48%	7.566.900	15,74%	7.148.013	15,52%	7.105.206	15,35%
3 - Serv. ind. de uti. púb.	444.674	0,91%	450.098	0,91%	447.385	0,93%	429.435	0,93%	425.427	0,92%
4 - Const. civ.	2.892.557	5,91%	2.815.686	5,68%	2.422.664	5,04%	1.985.404	4,31%	1.838.958	3,97%
5 - Comé.	9.511.094	19,43%	9.728.107	19,62%	9.532.622	19,83%	9.264.904	20,11%	9.230.750	19,94%
6 - Serv.	16.726.013	34,17%	17.313.495	34,93%	17.151.312	35,69%	16.708.852	36,28%	16.772.645	36,24%
7 - Adm. públ.	9.340.409	19,08%	9.355.833	18,87%	9.198.875	19,14%	8.826.040	19,16%	9.195.215	19,87%
8 - Agropec.	1.479.564	3,02%	1.479.663	2,98%	1.500.561	3,12%	1.476.219	3,20%	1.501.052	3,24%
<b>Total</b>	<b>48.948.433</b>	<b>100,00%</b>	<b>49.571.510</b>	<b>100,00%</b>	<b>48.060.807</b>	<b>100,00%</b>	<b>46.060.198</b>	<b>100,00%</b>	<b>46.281.590</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: RAIS/ ME

Tabulado pelo autor

Constata-se pela Tabela 1 que, durante o período analisado, com exceção dos setores de serviços e da agropecuária, todos os setores fecharam postos de trabalho. Além de que, no ano de 2013 havia 48,95 milhões de trabalhadores formais no país, sendo que em 2017 o número caiu para 46,28 milhões.

A exceção foi que, o setor de serviços apresentou no período analisado crescimento no estoque de emprego até o ano de 2014, onde após esse ano teve

início o encerramento de postos de trabalho até o ano de 2017, que conseguiu criar novas vagas, mas mesmo assim, apresenta um estoque levemente maior do que do ano inicial de 2013. No ano de 2013, a participação percentual do setor era de 19,08%, já no ano de 2017 chegou até 19,87%.

Além desse setor, a outra exceção que apresentou bom resultado no crescimento do estoque de emprego foi o da agropecuária. A agropecuária apresentou crescimento no seu estoque até o ano de 2015, depois no ano de 2016 uma queda e logo em seguida uma significativa recuperação, que foi ainda maior do que o ano de 2015. Além disso, a agropecuária no início do período analisado apresentava uma participação de 3,02% e chegou em 3,24% para o ano de 2017.

Com os dados formais sobre o Brasil no período de 2013 a 2017, pode-se filtrar a base de dados utilizada e então chegar nos que são o foco deste estudo sobre o mercado de trabalho formal, dados estes sobre a Região Sul do Brasil no mesmo período e divididos também pelo seu setor econômico. O setor de serviços será detalhado nos próximos subitens deste capítulo, além da subdivisão que apresenta o perfil do trabalhador desse setor.

Após a análise dos dados sobre o Brasil, em seguida tem-se a Tabela 2 que apresenta dados sobre o estoque de emprego total por setor econômico na Região Sul do Brasil, que é formada pelos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.

Tabela 2 - Estoque de emprego formal por setor de atividade econômica na Região Sul do Brasil (2013 a 2017)

IBGE Setor	2013	P. Perc.	2014	P. Perc.	2015	P. Perc.	2016	P. Perc.	2017	P. Perc.
1 - Extr. mine.	22.289	0,26%	22.379	0,26%	20.582	0,25%	19.106	0,24%	18.235	0,22%
2 - Indús. de transf.	2.137.331	25,40%	2.118.202	24,77%	1.981.499	23,78%	1.892.147	23,38%	1.909.103	23,46%
3 - Serv. ind. de uti. públ.	76.986	0,91%	77.199	0,90%	76.576	0,92%	74.502	0,92%	72.412	0,89%
4 - Const. civ.	392.755	4,67%	399.330	4,67%	356.697	4,28%	314.720	3,89%	298.563	3,67%
5 - Comé.	1.744.059	20,72%	1.779.883	20,82%	1.740.843	20,89%	1.716.180	21,21%	1.716.661	21,10%
6 - Serv.	2.620.652	31,14%	2.716.819	31,77%	2.722.857	32,68%	2.676.485	33,08%	2.702.395	33,21%
7 - Adm. públ.	1.191.053	14,15%	1.206.952	14,12%	1.198.812	14,39%	1.165.841	14,41%	1.190.864	14,64%
8 - Agropec.	230.177	2,74%	229.482	2,68%	235.179	2,82%	232.930	2,88%	228.070	2,80%
<b>Total</b>	<b>8.415.302</b>	<b>100,00%</b>	<b>8.550.246</b>	<b>100,00%</b>	<b>8.333.045</b>	<b>100,00%</b>	<b>8.091.911</b>	<b>100,00%</b>	<b>8.136.303</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: RAIS/ME

Tabulado pelo autor

Nota-se, pela Tabela 2, que durante o período analisado, diversos setores fecharam postos de trabalho, sendo os mais afetados a indústria de transformação que em 2013 apresentava participação de 25,40% e diminuiu para 23,46% em 2017, e a construção civil que em 2013 a sua participação era de 4,67% e em 2017 baixou



para 3,67%. Além disso, em 2013 se tinha como estoque total 8,42 milhões de trabalhadores, porém em 2017 encolheu para 8,14 milhões.

Os setores do comércio, administração pública e agropecuária apresentaram um comportamento médio constante, onde entre eles apenas o setor do comércio fechou postos de trabalho, mas em contrapartida ganhou incremento em sua participação percentual. E setor de serviços foi o que teve o melhor desempenho no período analisado, apresentando crescimento em seu estoque em todos os anos, com exceção de 2016, conseguindo uma boa recuperação em 2017. Além disso, se comparado com o Brasil, esse setor apresentou melhor performance nessa região.

#### 4.1.2 Emprego formal no Rio Grande do Sul

Depois da análise dos dados gerais sobre a Região Sul do Brasil e dos seus setores de atividade econômica, foram obtidos dados, através de uma filtragem mais definida, sobre cada um dos estados que compõem essa região e também de cada um dos seus setores de atividade econômica. Esses estados em ordem de análise são: Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.

A Tabela 3 informa o número de postos de trabalho total do Rio Grande do Sul, por cada um dos setores econômicos, do período de 2013 a 2017.

Tabela 3 - Estoque de emprego formal por setor de atividade econômica no Rio Grande do Sul (2013 a 2017)

IBGE Setor	2013	P. Perc.	2014	P. Perc.	2015	P. Perc.	2016	P. Perc.	2017	P. Perc.
1 - Extr. mine.	7.135	0,23%	7.317	0,24%	6.767	0,23%	6.063	0,21%	6.015	0,21%
2 - Indús. de transf.	746.549	24,22%	730.738	23,50%	675.327	22,47%	643.217	22,10%	633.345	21,82%
3 - Serv. ind. de uti. públ.	31.123	1,01%	30.427	0,98%	29.384	0,98%	27.955	0,96%	25.899	0,89%
4 - Const. civ.	142.124	4,61%	140.290	4,51%	121.175	4,03%	108.116	3,71%	104.250	3,59%
5 - Comé.	630.042	20,44%	641.869	20,64%	625.668	20,82%	616.805	21,19%	616.598	21,24%
6 - Serv.	977.226	31,70%	1.006.421	32,37%	1.000.557	33,29%	985.319	33,85%	984.160	33,91%
7 - Adm. públ.	466.165	15,12%	470.355	15,13%	461.901	15,37%	437.747	15,04%	447.418	15,42%
8 - Agropec.	82.627	2,68%	81.762	2,63%	84.770	2,82%	85.661	2,94%	84.688	2,92%
<b>Total</b>	<b>3.082.991</b>	<b>100,00%</b>	<b>3.109.179</b>	<b>100,00%</b>	<b>3.005.549</b>	<b>100,00%</b>	<b>2.910.883</b>	<b>100,00%</b>	<b>2.902.373</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: RAIS/ ME

Tabulado pelo autor

Entende-se pela Tabela 3 que, no período analisado, os setores de serviços e da agropecuária foram os únicos que criaram postos de trabalho, mesmo que tenham apresentado quedas no período analisado. As suas participações percentuais e os seus estoques de emprego ficaram maiores do que os do início do período.

Os demais setores fecharam postos de trabalho. Destes, os mais afetados inicialmente foram a indústria de transformação que em 2013 apresentava uma participação de 24,22% e terminou o ano de 2017 com 21,82% e a construção civil que iniciou o período analisado com uma participação de 4,61% e fechou o último ano com 3,59%. Além disso, no ano de 2013 haviam 3,08 milhões de trabalhadores, porém no ano de 2017 esse valor encolheu para 2,90 milhões.

Os demais setores econômicos apresentaram dados negativos, mas menos afetados do que os anteriores. O setor do comércio deve ser apontado juntamente com o setor de serviços devido ao seu comportamento ser parecido, no qual ambos tiveram crescimento em seus estoques apenas no ano de 2014, já o resto do período apresentou apenas o encerramento de postos de trabalho.

#### 4.1.3 Emprego formal em Santa Catarina

Após o estado do Rio Grande do Sul e os dados a respeito de seus setores de atividade econômica, segue então como o próximo estado a ser analisado o de Santa Catarina. A análise utiliza também o mesmo período que vai de 2013 até 2017, último ano disponível oficialmente.

Através da base de dados da RAIS, a Tabela 4 traz o número de postos de trabalho total do estado de Santa Catarina, por setor econômico, do ano de 2013 a 2017.

Tabela 4 - Estoque de emprego formal por setor de atividade econômica em Santa Catarina (2013 a 2017)

IBGE Setor	2013	P. Perc.	2014	P. Perc.	2015	P. Perc.	2016	P. Perc.	2017	P. Perc.
1 - Extr. mine.	8.654	0,39%	8.496	0,37%	7.406	0,33%	7.188	0,33%	6.744	0,31%
2 - Indús. de transf.	680.223	30,77%	684.309	30,09%	648.132	29,27%	629.396	29,03%	644.635	29,23%
3 - Serv. ind. de uti. púb.	19.040	0,86%	20.124	0,88%	20.478	0,92%	20.188	0,93%	20.173	0,91%
4 - Const. civ.	103.479	4,68%	105.331	4,63%	95.747	4,32%	83.580	3,86%	82.133	3,72%
5 - Comé.	443.977	20,08%	455.439	20,03%	444.698	20,08%	441.059	20,34%	446.664	20,25%
6 - Serv.	658.196	29,77%	694.185	30,53%	699.143	31,57%	687.737	31,72%	701.328	31,80%
7 - Adm. públ.	254.098	11,49%	261.177	11,49%	254.804	11,51%	255.580	11,79%	263.153	11,93%
8 - Agropec.	43.260	1,96%	44.872	1,97%	43.884	1,98%	43.195	1,99%	40.908	1,85%
<b>Total</b>	<b>2.210.927</b>	<b>100,00%</b>	<b>2.273.933</b>	<b>100,00%</b>	<b>2.214.292</b>	<b>100,00%</b>	<b>2.167.923</b>	<b>100,00%</b>	<b>2.205.738</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: RAIS/ ME

Tabulado pelo autor

Constata-se pela Tabela 4 que, durante o período em estudo, diversos setores fecharam postos de trabalho e alguns vieram a abrir vagas, mesmo que com valores pouco expressivos. Primeiramente, os setores que mais fecharam postos de trabalho

foram o da indústria de transformação que em 2013 a sua participação era de 30,77% e em 2017 diminuiu para 29,23% e o da construção civil que no ano de 2013 a participação era 4,68%, mas em 2017 recuou para 3,72%. Além disso, no ano de 2013, haviam 2,21 milhões de trabalhadores formais no estado, mas em 2017 esse número apresentou uma leve diminuição para 2,20 milhões.

Já o setor de serviços e o da administração pública apresentaram crescimento em seus estoques de emprego, além de que cada um teve apenas um ano com diminuição nas suas vagas. O setor de serviços apresentou queda em seu estoque de emprego apenas no ano de 2016 e o da administração pública apenas no ano de 2015. Os outros demais setores econômicos apresentaram um comportamento médio constante com crescimentos e quedas no número de seus postos de trabalho.

#### 4.1.4 Emprego formal no Paraná

Depois dos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, o último estado a ser analisado é o do Paraná, juntamente com os seus setores de atividade econômica. O período de análise é mesmo que foi utilizado para o Brasil e os outros estados.

Com os dados da RAIS, pode-se analisar o total dos postos de trabalho formais no estado do Paraná, por setor econômico, do período de 2013 a 2017, como é informado na Tabela 5.

Tabela 5 - Estoque de emprego formal por setor de atividade econômica no Paraná (2013 a 2017)

IBGE Setor	2013	P. Perc.	2014	P. Perc.	2015	P. Perc.	2016	P. Perc.	2017	P. Perc.
1 - Extr. mine.	6.500	0,21%	6.566	0,21%	6.409	0,21%	5.855	0,19%	5.476	0,18%
2 - Indús. de transf.	710.559	22,76%	703.155	22,20%	658.040	21,14%	619.534	20,56%	631.123	20,84%
3 - Serv. ind. de uti. públ.	26.823	0,86%	26.648	0,84%	26.714	0,86%	26.359	0,87%	26.340	0,87%
4 - Const. civ.	147.152	4,71%	153.709	4,85%	139.775	4,49%	123.024	4,08%	112.180	3,70%
5 - Comé.	670.040	21,47%	682.575	21,55%	670.477	21,54%	658.316	21,85%	653.399	21,58%
6 - Serv.	985.230	31,56%	1.016.213	32,09%	1.023.157	32,87%	1.003.429	33,30%	1.016.907	33,58%
7 - Adm. públ.	470.790	15,08%	475.420	15,01%	482.107	15,49%	472.514	15,68%	480.293	15,86%
8 - Agropec.	104.290	3,34%	102.848	3,25%	106.525	3,42%	104.074	3,45%	102.474	3,38%
<b>Total</b>	<b>3.121.384</b>	<b>100,00%</b>	<b>3.167.134</b>	<b>100,00%</b>	<b>3.113.204</b>	<b>100,00%</b>	<b>3.013.105</b>	<b>100,00%</b>	<b>3.028.192</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: RAIS/ ME

Tabulado pelo autor

De acordo com a Tabela 5 a maioria dos setores econômicos fechou postos de trabalho, sendo os mais afetados a indústria de transformação onde sua participação em 2013 era de 22,76% e em 2017 encolheu para 20,84% e a construção

civil que em 2013 a participação era 4,71% e em 2017 recuou para 3,70%. Além disso, no ano de 2013, haviam 3,12 milhões de trabalhadores no estado, mas em 2017 esse número diminuiu para 3,03 milhões.

Os setores que conseguiram crescimentos em seus estoques de emprego foram o de serviços e o da administração pública, além de apresentarem o mesmo comportamento, no qual apenas no de 2016 sofreram queda e fechamento de postos de trabalho. Esses setores também aumentaram a sua participação percentual que em 2013 era 31,56% para o de serviços e em 2017 chegou a 33,58% e o da administração pública em 2013 era 15,08% e no de 2017 alcançou o valor de 15,86%. Os demais setores apresentaram um comportamento médio constante similar, com aumentos e quedas em seus estoques de emprego no estado.

#### 4.2 O EMPREGO FORMAL NO SETOR DE SERVIÇOS NA REGIÃO SUL DO BRASIL

Com a base de dados da RAIS pode-se, através das variáveis escolhidas e de sua filtragem, chegar aos dados que são o objetivo deste trabalho, ou seja, os dados sobre o emprego formal do setor de serviços na Região Sul do Brasil. Esses dados informam através do estoque total de emprego formal de cada estado e juntamente com o período escolhido de 2013 a 2017, como foi e como está a situação desse importante setor.

A partir das próximas subdivisões somente dados sobre o setor de serviços serão apresentados e analisados, com exceção do segmento que é acerca das estimativas para o mercado de trabalho.

##### **4.2.1 O setor de serviços formal no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná**

Após os dados acerca de cada um dos setores de atividade econômica, o restante deste capítulo apresentará dados apenas do setor de serviços. Além de disso, como anteriormente informado, os dados são dos estados que compõe a Região Sul do Brasil e o período analisado é de 2013 até 2017.

A Tabela 6 traz os dados acerca do estoque de emprego total dos estados do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e do Paraná, unicamente do setor de serviços.

Tabela 6 - Estoque de emprego formal do setor de serviços no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná (2013 a 2017)

UF	2013	P. Perc.	2014	P. Perc.	2015	P. Perc.	2016	P. Perc.	2017	P. Perc.
<b>RS</b>	977.226	37,29%	1.006.421	37,04%	1.000.557	36,75%	985.319	36,81%	984.160	36,42%
<b>SC</b>	658.196	25,12%	694.185	25,55%	699.143	25,68%	687.737	25,70%	701.328	25,95%
<b>PR</b>	985.230	37,59%	1.016.213	37,40%	1.023.157	37,58%	1.003.429	37,49%	1.016.907	37,63%
<b>Total</b>	<b>2.620.652</b>	<b>100,00%</b>	<b>2.716.819</b>	<b>100,00%</b>	<b>2.722.857</b>	<b>100,00%</b>	<b>2.676.485</b>	<b>100,00%</b>	<b>2.702.395</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: RAIS/ ME

Tabulado pelo autor

De acordo com a Tabela 6, fica evidente através dos dados de que o estado com o maior número de postos de trabalho é o do Paraná, ao longo do período inteiro, seguido de perto pelo estado do Rio Grande do Sul. No estoque total da região, houve crescimento em todos os anos do período, com exceção do ano de 2016. Além disso, o total de trabalhadores da Região Sul do Brasil no ano de 2013 era de 2,62 milhões e para o ano de 2017, houve um incremento no estoque que resultou em 2,70 milhões de postos de trabalho.

Quanto a análise de cada estado fica claro que o mais afetado foi o do Rio Grande do Sul, visto que no período analisado, o setor de serviços deste estado foi o primeiro a fechar postos de trabalho, isso no ano de 2015, mas mesmo assim no final do período houve um crescimento no seu estoque, quando comparado com o início do período.

Já para os estados de Santa Catarina e do Paraná o seu comportamento foi idêntico, no qual apenas no ano de 2016 ambos fecharam postos de trabalho. Outro fato que deve ser comentado é de que todos os estados aumentaram o seu estoque de emprego ao longo do período analisado.

#### 4.3 O IMPACTO DA CRISE NO MERCADO DE TRABALHO FORMAL NO SETOR DE SERVIÇOS

Esta seção traz o objetivo desse trabalho, que é o impacto da crise no mercado de trabalho formal do setor de serviços na Região Sul do Brasil, além do período analisado iniciar em 2013 e terminar no ano de 2017. Cada uma das próximas subdivisões irão apresentar figuras que representam algumas tabelas anteriormente informadas.

Mas antes dos dados, será feito um breve comentário acerca da crise que atingiu o país e causou o fechamento de diversos postos de trabalho, além de trazer uma forte recessão, perda de credibilidade no papel do estado como nunca antes na história do Brasil, entre outros tantos pontos negativos.

### **4.3.1 A crise**

A crise político econômico brasileira teve início no fim de 2014, tendo se aprofundado em 2015 e ainda mais em 2016. O ano de 2017 foi menos afetado e o de 2018 começou a dar indícios de melhoras em alguns segmentos econômicos. Com o novo governo de Jair Messias Bolsonaro e com o fim da crise, as perspectivas para a economia brasileira apontam para melhores cenários.

A economia brasileira foi atingida pela crise que se iniciou no final de 2014. Com o impacto da crise, o PIB brasileiro despencou, o mercado de trabalho foi severamente afetado com o fechamento de milhares de postos de trabalho, além de causar problemas para a população. A crise ocorreu devido a um conjunto de choques de oferta e de demanda, provocados por equivocadas políticas econômicas que não foram benéficas para a economia brasileira, além também do aumento da dívida pública.

Como resultado ocorreu o aumento da inflação, crescimento significativo do desemprego, destruição das contas públicas como nunca antes na história do país, risco país aumentado, classificação do nível de confiança do país diminuída, além de diversos problemas para a sociedade que ainda são sentidos. Resumidamente essa foi a crise político econômica que o país enfrentou (BARBOSA FILHO, 2017).

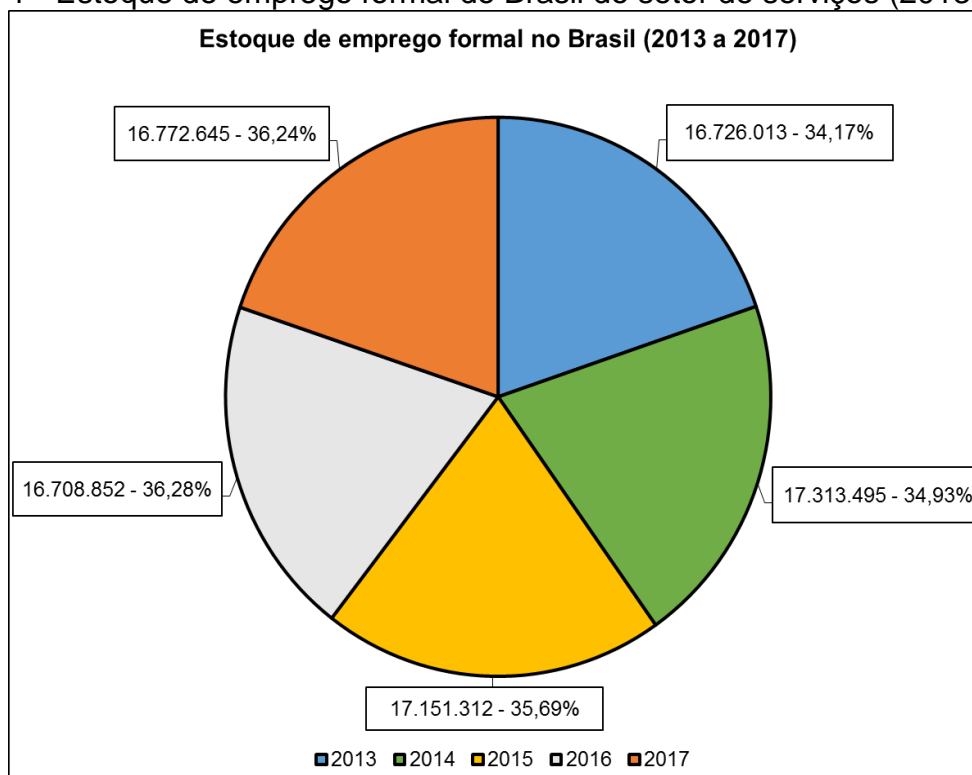
Espera-se que o crescimento econômico seja alcançado com o novo governo através de suas políticas, além também do controle das contas públicas, melhorando a situação e condição da sociedade brasileira.

### **4.3.2 O impacto da crise da crise no emprego formal do setor de serviços no Brasil**

Como dado inicial sobre o impacto da crise no mercado de trabalho formal, será analisado primeiramente o que aconteceu no Brasil no período de 2013 até 2017. Através de figuras, representando tabelas anteriores, será informado e destacado o setor de serviços. Após o Brasil, serão analisados cada um dos estados que formam a Região Sul do Brasil, além de novamente trazer apenas dados sobre o setor econômico de serviços.

A Figura 1 ilustra os dados da Tabela 1, representando o estoque de emprego formal do setor econômico de serviços do Brasil, do período que inicia em 2013 e termina em 2017.

Figura 1 - Estoque de emprego formal do Brasil do setor de serviços (2013 a 2017)



Fonte: RAIS/ME Tabulado pelo autor

Nota-se pela Figura 1 que, a crise no mercado de trabalho formal do setor de serviços teve início em 2015, ano no qual ocorreu o início do fechamento de postos de trabalho. No ano de 2014, o estoque de emprego alcançou o maior valor do período com 17,31 milhões de trabalhadores, mas terminou o ano de 2017 com 16,77 milhões de trabalhadores, valor pouco maior do que o do início do período, no qual em 2013 eram 16,72 milhões de trabalhadores.

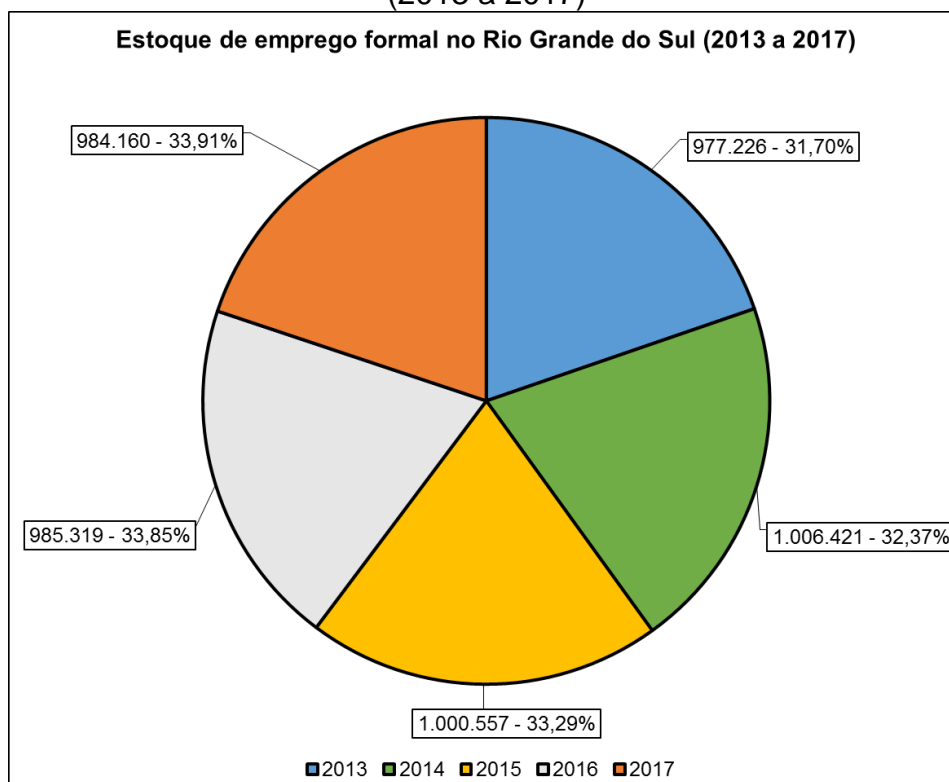
No período analisado, outro valor significativo a ser exposto é o de 540,8 mil postos de trabalho fechados nesse setor. Além disso, pode-se dizer que a participação do setor de serviços cresceu em relação aos outros setores, pois em 2013 era de 34,17% e em 2017 aumentou para 36,24%.

#### 4.3.3 O impacto da crise da crise no emprego formal do setor de serviços do Rio Grande do Sul

Após a análise acerca da crise no mercado de trabalho brasileiro, os dados da Região Sul do Brasil são apresentados, sobre o setor econômico de serviços.

A Figura 2 apresenta os dados referentes a Tabela 3, que são acerca do estoque de emprego total do estado do Rio Grande do Sul, do setor de atividade econômico de serviços, do período de 2013 a 2017.

Figura 2 - Estoque de emprego formal do Rio Grande do Sul do setor de serviços (2013 a 2017)



Fonte: RAIS/ME Tabulado pelo autor

Constata-se pela Figura 2 que, nesse estado a crise no mercado de trabalho do setor de serviços teve começo em 2015 quando ocorreu o encerramento de postos de trabalho. Além disso, o ano de 2014 foi o que apresentou o maior estoque de emprego do período com 1,01 milhões de trabalhadores, mas terminou o ano de 2017 com 984,16 mil postos de trabalho, ou seja, nesse período 22,26 mil postos de trabalho foram encerrados.

O estado do Rio Grande do Sul foi o mais afetado pela crise quando comparado com os outros que formam a Região Sul do Brasil. O ano de 2017 conseguiu terminar com um estoque de emprego maior do que o ano de 2013, mas 2017 não apresentou novos postos de trabalho se comparado ao ano de 2016. E a participação do setor de serviços apresentou incrementos ao passar dos anos, visto que era 31,70% em 2013 e aumentou para 33,91% em 2017.

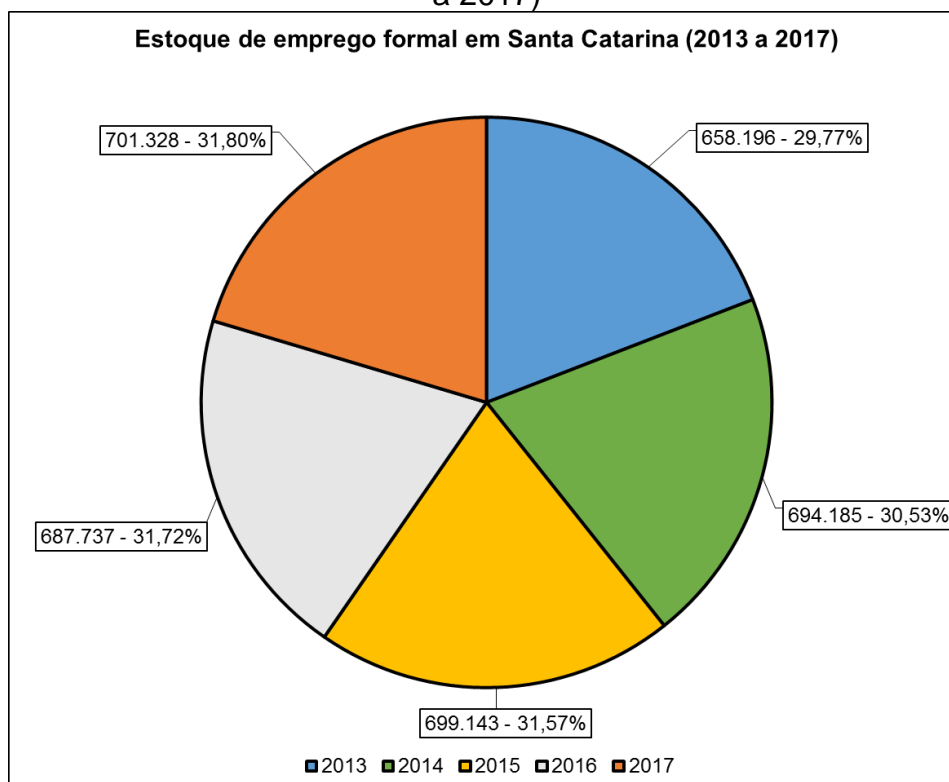


#### 4.3.4 O impacto da crise no emprego formal do setor de serviços em Santa Catarina

Logo após a análise do estado do Rio Grande do Sul, chega por sua vez a análise acerca do estado de Santa Catarina e os resultados do impacto no mercado de trabalho do mesmo. Novamente ocorre a mesma apresentação de dados, onde figuras representam tabelas, sendo o objetivo o setor de serviços.

Conforme a base de dados da RAIS, a Figura 3 ilustra os dados referentes a Tabela 4, que é sobre o número de postos de trabalho do estado de Santa Catarina, representando o estoque de emprego formal do setor econômico de serviços, do período de 2013 a 2017.

Figura 3 - Estoque de emprego formal de Santa Catarina do setor de serviços (2013 a 2017)



Fonte: RAIS/ME Tabulado pelo autor

Percebe-se pela Figura 3 que, a crise no mercado de trabalho do setor de serviços neste estado teve impacto apenas no ano de 2016, visto que nos outros anos do período, o setor sempre demonstrou crescimento em seu estoque, além de que o ano de 2017 apresentou o maior estoque de empregos do período.

Pode-se afirmar que esse estado não sofreu impactos da crise no setor de serviços. Esse setor em 2013 tinha 658,19 mil trabalhadores e terminou o ano de 2017 com 701,32 mil trabalhadores, ou seja, o setor de serviços aumentou o seu estoque

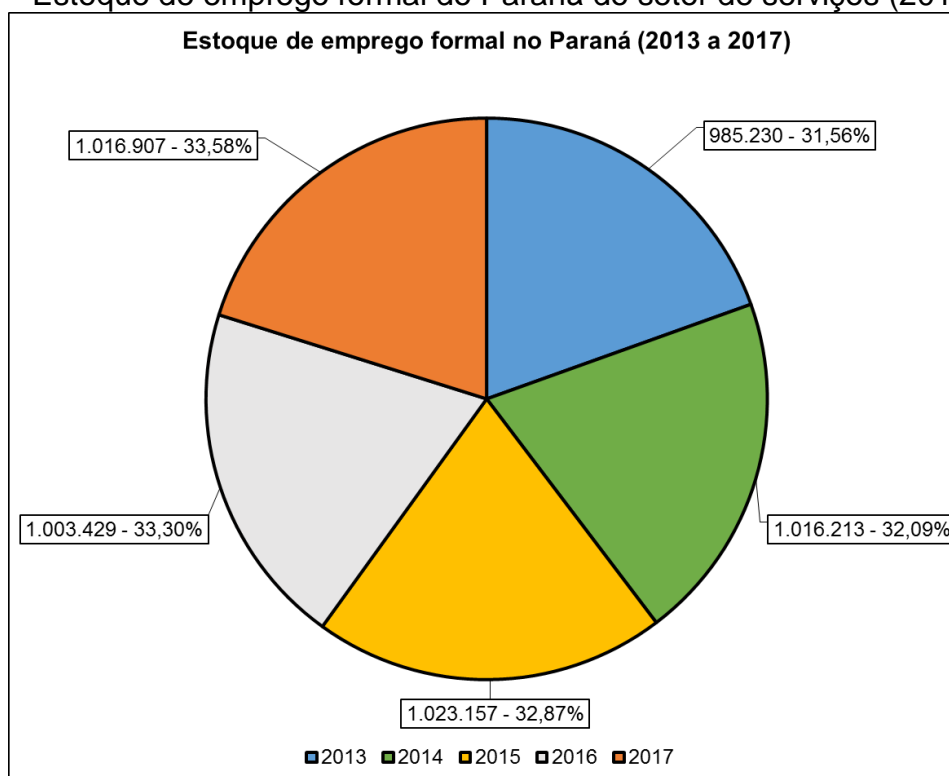
de emprego em 43,13 mil postos de trabalho. Além disso, a participação desse setor em 2013 era de 29,77% e terminou o ano de 2017 com 31,80%.

#### 4.3.5 O impacto da crise da crise no emprego formal do setor de serviços no Paraná

Completando a Região Sul do Brasil após as últimas análises, o último estado a ser apresentado é o do Paraná. A análise utilizada é a mesma que a das subdivisões anteriores, onde o setor econômico de serviços é exposto.

A Figura 4 a seguir ilustra os dados da Tabela 5, onde o número de postos de trabalho formais do setor econômico de serviços do estado do Paraná é representado, do período de 2013 a 2017.

Figura 4 - Estoque de emprego formal do Paraná do setor de serviços (2013 a 2017)



Fonte: RAIS/ME Tabulado pelo autor

Percebe-se pela Figura 4 que, nesse estado a crise no mercado de trabalho do setor de serviços impactou somente o ano 2016, quando houve o fechamento de postos de trabalho, pois todos os demais anos do período apresentaram crescimento no estoque de emprego. O ano de 2015 apresentou o maior estoque de emprego do período com 1,02 milhões de trabalhadores, mas terminou o ano de 2017 com 1,01 milhões de postos de trabalho.

A crise impactou o fechamento de postos quando comparado o ano de 2015 com o de 2017, resultando em 6,2 mil vagas encerradas, entretanto se comparado com o início do período, ano de 2013, e os seus 985,23 mil trabalhadores com o ano de 2017 e os seus 1,01 milhões de trabalhadores, ocorreu a criação de 31,7 mil postos de trabalho no estado.

Pode-se afirmar que o mercado de trabalho formal do setor de serviços foi levemente afetado pela crise nesse estado. E por fim, a participação do setor de serviços apresentou incrementos ao passar dos anos, visto que era 31,56% em 2013 e aumentou para 33,58% em 2017.

#### 4.4 PERFIL DO TRABALHADOR FORMAL DO SETOR DE SERVIÇOS DA REGIÃO SUL DO BRASIL

Nesta seção é apresentado o perfil da mão de obra formal da Região Sul do Brasil do setor de serviços. Este perfil foi elaborado por meio de variáveis encontradas na base de dados da RAIS e após os devidos filtros, chegou-se ao seu propósito final.

Primeiramente, é mostrado qual é o nível de escolaridade do trabalhador. Após esse subitem, outra variável a ser apresentada é a faixa etária do trabalhador desse setor. Logo em seguida, outro dado exposto para determinar o perfil do trabalhador formal do setor de serviços é sobre o seu sexo, ou seja, entre homens e mulheres como se encontra a participação de cada um. E por fim, como última variável tem-se o salário médio anual da mão de obra formalizada de cada um dos estados da Região Sul do Brasil.

##### 4.4.1 A escolaridade do trabalhador formal do setor de serviços

Como primeira variável a ser apresentada na construção do perfil da mão de obra formal do setor serviços, tem-se como algo relevante para o mercado de trabalho. Essa variável a cada ano que passa ganha mais participação e discussão, além de trazer mais competitividade entre os indivíduos que ofertam sua força de trabalho. O perfil da mão de obra formal se inicia com o nível de escolaridade do estoque total de emprego da Região Sul do Brasil. Esse subitem traz dados divididos em cada um dos níveis escolares brasileiros, onde se inicia em analfabeto e termina em doutorado, além de trazer outros níveis como fundamental, médio, superior, entre outros.

#### 4.4.1.1 A escolaridade do trabalhador formal do setor de serviços da Região Sul do Brasil

Esse subitem e os próximos a seguir irão trazer o estoque total de emprego formal e unicamente do setor de serviços, subdividido por nível de escolaridade na Região Sul do Brasil e logo em seguida para cada um dos seus estados: Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.

A Tabela 7 é a primeira sobre o perfil do trabalhador do setor de serviços da Região Sul do Brasil, na qual informa os dados classificados por nível escolar da mão de obra, do período de 2013 a 2017.

Tabela 7 - Estoque de emprego formal do setor de serviços por escolaridade na Região Sul do Brasil (2013 a 2017)

Escolaridade	2013	P. Perc.	2014	P. Perc.	2015	P. Perc.	2016	P. Perc.	2017	P. Perc.
Analfab.	3.721	0,14%	3.683	0,14%	4.456	0,16%	4.234	0,16%	4.396	0,16%
Até 5ª Inc.	59.234	2,26%	57.297	2,11%	54.645	2,01%	48.703	1,82%	47.383	1,75%
5ª Comp. Fund.	68.559	2,62%	64.784	2,38%	59.548	2,19%	54.526	2,04%	50.425	1,87%
6ª a 9ª Fund.	160.630	6,13%	160.191	5,90%	148.285	5,45%	138.091	5,16%	131.541	4,87%
Fund. Comp.	303.359	11,58%	296.887	10,93%	283.010	10,39%	264.482	9,88%	251.090	9,29%
Méd. Inc.	187.047	7,14%	190.678	7,02%	180.492	6,63%	169.667	6,34%	166.739	6,17%
Méd. Comp.	1.113.815	42,50%	1.173.454	43,19%	1.193.914	43,85%	1.189.863	44,46%	1.213.263	44,90%
Sup. Inc.	169.473	6,47%	173.971	6,40%	174.465	6,41%	172.304	6,44%	175.872	6,51%
Sup. Comp.	517.206	19,74%	553.649	20,38%	577.364	21,20%	585.943	21,89%	606.914	22,46%
Mest.	25.465	0,97%	28.638	1,05%	31.702	1,16%	32.675	1,22%	35.466	1,31%
Dout.	12.143	0,46%	13.587	0,50%	14.976	0,55%	15.997	0,60%	19.306	0,71%
<b>Total</b>	<b>2.620.652</b>	<b>100,00%</b>	<b>2.716.819</b>	<b>100,00%</b>	<b>2.722.857</b>	<b>100,00%</b>	<b>2.676.485</b>	<b>100,00%</b>	<b>2.702.395</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: RAIS/ ME

Tabulado pelo autor

O que fica evidente, pela Tabela 7, a respeito do perfil desse trabalhador é de que o seu nível de escolaridade é significativamente alto, visto que a participação de trabalhadores desse setor possui o ensino médio completo e logo em seguida, o nível com mais trabalhadores é o de superior completo.

Ademais, ao longo do período analisado, esses dois níveis escolares tiveram aumento no seu estoque. Além de que, os níveis mestrado e doutorado tiveram o mesmo comportamento e também aumentaram o seu estoque. Com isso, pode-se dizer que com a crise o nível de escolaridade fundamental completo foi o mais afetado com 52,3 mil postos de trabalho fechados na Região Sul do Brasil. A mão de obra teve de aumentar o seu nível escolar devido à forte competitividade do mercado de trabalho formal brasileiro.

#### 4.4.1.2 A escolaridade do trabalhador formal do setor de serviços da mão de obra no Rio Grande do Sul

Após o subitem anterior, os próximos serão sobre cada um dos estados que foram a Região Sul do Brasil, nos quais tem-se o estado do Rio Grande do Sul, trazendo os dados sobre o estoque total de emprego a sua escolaridade, do período de 2013 a 2017.

Pela base de dados da RAIS pode-se traçar o perfil de um trabalhador através de diversas variáveis. Com esses dados é possível informar o nível escolar da mão de obra do Rio Grande do Sul, do período de 2013 a 2017, conforme a Tabela 8.

Tabela 8 - Estoque de emprego formal do setor de serviços por escolaridade no Rio Grande do Sul (2013 a 2017)

Escolaridade	2013	P. Perc.	2014	P. Perc.	2015	P. Perc.	2016	P. Perc.	2017	P. Perc.
Analf.	1.018	0,10%	1.008	0,10%	1.217	0,12%	1.172	0,12%	1.087	0,11%
Até 5ª Inc.	14.965	1,53%	14.481	1,44%	15.478	1,55%	14.205	1,44%	13.563	1,38%
5ª Comp. Fund.	20.084	2,06%	18.295	1,82%	16.728	1,67%	15.980	1,62%	14.817	1,51%
6ª a 9ª Fund.	69.427	7,10%	69.990	6,95%	64.476	6,44%	60.721	6,16%	56.413	5,73%
Fund. Comp.	118.829	12,16%	113.581	11,29%	108.060	10,80%	102.714	10,42%	97.126	9,87%
Méd. Inc.	70.774	7,24%	72.128	7,17%	67.124	6,71%	63.856	6,48%	61.778	6,28%
Méd. Comp.	413.864	42,35%	433.096	43,03%	435.138	43,49%	430.924	43,73%	437.065	44,41%
Sup. Inc.	75.516	7,73%	76.640	7,62%	76.345	7,63%	74.794	7,59%	74.798	7,60%
Sup. Comp.	178.892	18,31%	192.447	19,12%	199.149	19,90%	202.496	20,55%	205.639	20,89%
Mest.	9.610	0,98%	10.091	1,00%	11.431	1,14%	12.335	1,25%	14.026	1,43%
Dout.	4.247	0,43%	4.664	0,46%	5.411	0,54%	6.122	0,62%	7.848	0,80%
<b>Total</b>	<b>977.226</b>	<b>100,00%</b>	<b>1.006.421</b>	<b>100,00%</b>	<b>1.000.557</b>	<b>100,00%</b>	<b>985.319</b>	<b>100,00%</b>	<b>984.160</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: RAIS/ ME

Tabulado pelo autor

De maneira similar à da Tabela 7, no Rio Grande do Sul os níveis escolares dos trabalhadores apresentaram um crescimento em seus níveis mais altos. Segundo a Tabela 8, os maiores níveis escolares dessa mão de obra são o médio completo e o superior completo, que também apresentaram crescimentos em seus estoques. Ainda, aqui pode-se ver o mesmo com os níveis mestrado e doutorado, além de ficar claro que ocorreu um aumento no investimento em capital humano dos trabalhadores desse estado.

Mas a crise também impactou e o nível de escolaridade que mais fechou postos de trabalho foi o de fundamental completo, com 21,7 mil vínculos encerrados no estado.

#### 4.4.1.3 A escolaridade do trabalhador formal do setor de serviços em Santa Catarina

Em seguida da análise acerca do perfil do trabalhador formal do setor de serviços do estado do Rio Grande do Sul tem-se o estado de Santa Catarina. Novamente são apresentados dados sobre a escolaridade do estoque total formal de emprego, subdivido em todos os níveis escolares nacionais.

A Tabela 9 apresenta os dados sobre o número de postos de trabalho do estado de Santa Catarina, organizado pelo nível escolar da mão de obra, do período de 2013 a 2017.

Tabela 9 - Estoque de emprego formal do setor de serviços por escolaridade em Santa Catarina (2013 a 2017)

Escolaridade	2013	P. Perc.	2014	P. Perc.	2015	P. Perc.	2016	P. Perc.	2017	P. Perc.
<b>Analf.</b>	1.666	0,25%	1.657	0,24%	1.851	0,26%	1.756	0,26%	1.895	0,27%
<b>Até 5ª Inc.</b>	12.345	1,88%	12.590	1,81%	11.422	1,63%	10.314	1,50%	9.803	1,40%
<b>5ª Comp. Fund.</b>	22.915	3,48%	21.602	3,11%	20.008	2,86%	17.516	2,55%	15.888	2,27%
<b>6ª a 9ª Fund.</b>	37.658	5,72%	38.158	5,50%	36.014	5,15%	32.998	4,80%	32.396	4,62%
<b>Fund. Comp.</b>	81.965	12,45%	81.437	11,73%	76.977	11,01%	70.754	10,29%	66.701	9,51%
<b>Méd. Inc.</b>	42.461	6,45%	44.216	6,37%	42.981	6,15%	39.953	5,81%	40.294	5,75%
<b>Méd. Comp.</b>	275.477	41,85%	296.470	42,71%	303.954	43,48%	303.235	44,09%	311.827	44,46%
<b>Sup. Inc.</b>	43.350	6,59%	45.255	6,52%	45.797	6,55%	46.125	6,71%	48.227	6,88%
<b>Sup. Comp.</b>	130.667	19,85%	140.915	20,30%	148.095	21,18%	153.533	22,32%	161.893	23,08%
<b>Mest.</b>	6.679	1,01%	8.302	1,20%	8.599	1,23%	8.330	1,21%	8.668	1,24%
<b>Dout.</b>	3.013	0,46%	3.583	0,52%	3.445	0,49%	3.223	0,47%	3.736	0,53%
<b>Total</b>	<b>658.196</b>	<b>100,00%</b>	<b>694.185</b>	<b>100,00%</b>	<b>699.143</b>	<b>100,00%</b>	<b>687.737</b>	<b>100,00%</b>	<b>701.328</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: RAIS/ ME

Tabulado pelo autor

Percebe-se pela Tabela 9 que, nesse estado os níveis escolares com a maior participação são o médio completo e o superior completo, além de apresentarem incremento no período analisado. O nível escolar mestrado apresentou o mesmo comportamento e aumentou a sua participação percentual, porém nesse estado o nível doutorado não obteve um crescimento significativo no seu estoque ao longo do período.

Os demais níveis escolares apresentaram comportamentos constantes parecidos. Entretanto, o nível escolar fundamental completo fechou 15,3 mil postos de trabalho no estado.

#### 4.4.1.4 A escolaridade do trabalhador formal do setor de serviços no Paraná

Finalmente, para dados sobre a escolaridade, tem-se como o último estado que compõe a Região Sul do Brasil, o estado do Paraná. A análise segue o padrão

usado anteriormente para cada um dos estados dessa região e segue o período de 2013 a 2017, além de todas as subdivisões escolares nacionais.

Através da base de dados da RAIS, a Tabela 10 traz os dados sobre o perfil do trabalhador formal do estado do Paraná, do setor de atividade dos serviços, classificado pelos seus níveis de escolaridade, do período de 2013 a 2017.

Tabela 10 - Estoque de emprego formal do setor de serviços por escolaridade no Paraná (2013 a 2017)

Escolaridade	2013	P. Perc.	2014	P. Perc.	2015	P. Perc.	2016	P. Perc.	2017	P. Perc.
Analf.	1.037	0,11%	1.018	0,10%	1.388	0,14%	1.306	0,13%	1.414	0,14%
Até 5ª Inc.	31.924	3,24%	30.226	2,97%	27.745	2,71%	24.184	2,41%	24.017	2,36%
5ª Comp. Fund.	25.560	2,59%	24.887	2,45%	22.812	2,23%	21.030	2,10%	19.720	1,94%
6ª a 9ª Fund.	53.545	5,43%	52.043	5,12%	47.795	4,67%	44.372	4,42%	42.732	4,20%
Fund. Comp.	102.565	10,41%	101.869	10,02%	97.973	9,58%	91.014	9,07%	87.263	8,58%
Méd. Inc.	73.812	7,49%	74.334	7,31%	70.387	6,88%	65.858	6,56%	64.667	6,36%
Méd. Comp.	424.474	43,08%	443.888	43,68%	454.822	44,45%	455.704	45,41%	464.371	45,67%
Sup. Inc.	50.607	5,14%	52.076	5,12%	52.323	5,11%	51.385	5,12%	52.847	5,20%
Sup. Comp.	207.647	21,08%	220.287	21,68%	230.120	22,49%	229.914	22,91%	239.382	23,54%
Mest.	9.176	0,93%	10.245	1,01%	11.672	1,14%	12.010	1,20%	12.772	1,26%
Dout.	4.883	0,50%	5.340	0,53%	6.120	0,60%	6.652	0,66%	7.722	0,76%
<b>Total</b>	<b>985.230</b>	<b>100,00%</b>	<b>1.016.213</b>	<b>100,00%</b>	<b>1.023.157</b>	<b>100,00%</b>	<b>1.003.429</b>	<b>100,00%</b>	<b>1.016.907</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: RAIS/ ME

Tabulado pelo autor

Nota-se pela Tabela 10 que, nesse estado os níveis escolares com os maiores estoques de emprego formal são o médio completo e o superior completo, além de terem apresentado incrementos em seus estoques. Outro nível escolar a se destacar com incrementos é o nível doutorado que apresentou o mesmo comportamento do que os níveis anteriormente comentados.

Os demais níveis se mantiveram constantes, com algumas quedas e outros com alguns aumentos em seus devidos estoques. Porém, o nível escolar mais impactado foi o fundamental completo, com 15,3 mil postos de trabalho fechados no estado.

#### 4.4.2 A faixa etária do trabalhador formal do setor de serviços

Continuando com o perfil do trabalhador formal do setor de serviços, segue-se as próximas subdivisões com os dados acerca da idade da mão de obra. A faixa etária do estoque de trabalho formal é dividida em diversos segmentos, começando nas idades de 10 a 14 anos e finalizando com 65 anos ou mais. Além dessas faixas, tem-se todas as outras que são requisitos da RAIS. Essas faixas etárias compreendem os adolescentes, os jovens, os jovens adultos, os adultos e os anciãos.

#### 4.4.2.1 A faixa etária do trabalhador formal do setor de serviços na Região Sul do Brasil

Iniciando-se às análises sobre o perfil do trabalhador formal do setor de serviços, tem-se o estoque total formal da Região Sul do Brasil. Os subitens a seguir serão acerca de cada um dos seus estados que compõem essa região e compreendem o período que se inicia em 2013 e termina em 2017.

A Tabela 11 apresenta o perfil do trabalhador da Região Sul do Brasil, do setor de serviços, por faixa etária, do período de 2013 a 2017. Esses dados são sobre o estoque de emprego formal e classificados pelos níveis de faixa etária determinados pela RAIS.

Tabela 11 - Estoque de emprego formal do setor de serviços por faixa etária na Região Sul do Brasil (2013 a 2017)

Faixa Etária	2013	P. Perc.	2014	P. Perc.	2015	P. Perc.	2016	P. Perc.	2017	P. Perc.
10 a 14	608	0,02%	785	0,03%	461	0,02%	473	0,02%	350	0,01%
15 a 17	36.002	1,37%	37.600	1,38%	29.443	1,08%	23.483	0,88%	21.929	0,81%
18 a 24	422.035	16,10%	424.765	15,63%	407.039	14,95%	377.104	14,09%	379.179	14,03%
25 a 29	418.803	15,98%	428.644	15,78%	423.360	15,55%	410.415	15,33%	407.128	15,07%
30 a 39	776.521	29,63%	808.178	29,75%	822.079	30,19%	818.563	30,58%	828.032	30,64%
40 a 49	546.933	20,87%	564.024	20,76%	566.500	20,81%	565.966	21,15%	577.452	21,37%
50 a 64	393.217	15,00%	422.751	15,56%	440.234	16,17%	444.600	16,61%	449.357	16,63%
65 ou mais	26.528	1,01%	30.070	1,11%	33.741	1,24%	35.879	1,34%	38.967	1,44%
<b>Total</b>	<b>2.620.647</b>	<b>100,00%</b>	<b>2.716.817</b>	<b>100,00%</b>	<b>2.722.857</b>	<b>100,00%</b>	<b>2.676.483</b>	<b>100,00%</b>	<b>2.702.394</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: RAIS/ ME Tabulado pelo autor

Constata-se pela Tabela 11 que, as faixas etárias com mais trabalhadores são primeiramente a de 30 a 39 anos, seguido pela de 40 a 49 anos, além de que o seu comportamento ao longo do período analisado apresenta incrementos no seu estoque em cada ano. Um outro dado a ser comprovado é sobre a terceira maior faixa etária, que tem como inicial a de 25 a 29 anos até o ano de 2014, logo após essa faixa etária perde o lugar para a de 50 a 64 anos.

Com isso fica claro que o mercado de trabalho está empregando e absorvendo as pessoas consideradas velhas. Entretanto, a faixa etária de 18 a 24 anos foi a mais impactada, com 42,9 mil postos de trabalho fechados na região.

#### 4.4.2.2 A faixa etária do trabalhador formal do setor de serviços no Rio Grande do Sul

Após os dados gerais sobre a Região Sul do Brasil, segue-se então os estados que a compõem e primeiramente o Rio Grande do Sul, além de trazer todas as



divisões que compreendem a variável faixa etária do trabalhador formal do setor de serviços.

Conforme a base de dados da RAIS, a Tabela 12 informa o perfil da mão de obra através dos dados sobre o estoque de emprego formal, classificando-os pelos níveis de faixa etária do trabalhador, do setor de serviços do estado do Rio Grande do Sul, do período de 2013 a 2017.

Tabela 12 - Estoque de emprego formal do setor de serviços por faixa etária no Rio Grande do Sul (2013 a 2017)

<b>Faixa Etária</b>	<b>2013</b>	<b>P. Perc.</b>	<b>2014</b>	<b>P. Perc.</b>	<b>2015</b>	<b>P. Perc.</b>	<b>2016</b>	<b>P. Perc.</b>	<b>2017</b>	<b>P. Perc.</b>
<b>10 a 14</b>	298	0,03%	452	0,04%	227	0,02%	170	0,02%	157	0,02%
<b>15 a 17</b>	11.881	1,22%	13.184	1,31%	10.350	1,03%	8.447	0,86%	7.541	0,77%
<b>18 a 24</b>	144.249	14,76%	144.179	14,33%	134.913	13,48%	124.528	12,64%	123.447	12,54%
<b>25 a 29</b>	152.554	15,61%	153.546	15,26%	149.381	14,93%	143.657	14,58%	140.933	14,32%
<b>30 a 39</b>	295.834	30,27%	305.964	30,40%	309.945	30,98%	308.514	31,31%	308.394	31,34%
<b>40 a 49</b>	204.024	20,88%	208.787	20,75%	208.532	20,84%	209.140	21,23%	212.074	21,55%
<b>50 a 64</b>	156.963	16,06%	167.257	16,62%	172.555	17,25%	175.099	17,77%	174.667	17,75%
<b>65 ou mais</b>	11.419	1,17%	13.050	1,30%	14.654	1,46%	15.763	1,60%	16.947	1,72%
<b>Total</b>	<b>977.222</b>	<b>100,00%</b>	<b>1.006.419</b>	<b>100,00%</b>	<b>1.000.557</b>	<b>100,00%</b>	<b>985.318</b>	<b>100,00%</b>	<b>984.160</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: RAIS/ ME

Tabulado pelo autor

Essa tabela apresenta um comportamento muito similar ao da Tabela 11, as faixas etárias com os maiores estoques de emprego são as de 30 a 39 anos e 40 a 49 anos. Porém, diferentemente da Tabela 11, a Tabela 12 constata que para esse estado a terceira faixa etária com a maior participação no período analisado inteiro é a de 50 a 64 anos.

Através desses dados, pode-se dizer que o mercado de trabalho formal do estado do Rio Grande do Sul vem absorvendo de boa maneira os trabalhadores de faixas etárias mais altas. Mas os jovens foram os mais impactados pela crise, no estado a faixa etária de 18 a 24 anos fechou 20,8 mil postos de trabalho.

#### 4.4.2.3 A faixa etária do trabalhador formal do setor de serviços em Santa Catarina

Seguindo o traçado que compreende o perfil do trabalhador formal do setor de serviços na Região Sul do Brasil, segue o estado de Santa Catarina e a análise acerca da faixa etária do estoque total de emprego formalizado, compreendido do período de 2013 a 2017.

A Tabela 13 traz o perfil do trabalhador formal do setor de serviços, pela classificação das faixas etárias no estado de Santa Catarina, no período de 2013 a 2017, através dos dados do estoque de emprego total disponível na RAIS.

Tabela 13 - Estoque de emprego formal do setor de serviços por faixa etária em Santa Catarina (2013 a 2017)

Faixa Etária	2013	P. Perc.	2014	P. Perc.	2015	P. Perc.	2016	P. Perc.	2017	P. Perc.
<b>10 a 14</b>	139	0,02%	149	0,02%	108	0,02%	138	0,02%	100	0,01%
<b>15 a 17</b>	10.231	1,55%	10.271	1,48%	8.275	1,18%	6.349	0,92%	6.274	0,89%
<b>18 a 24</b>	115.015	17,47%	118.433	17,06%	115.870	16,57%	107.903	15,69%	110.014	15,69%
<b>25 a 29</b>	109.841	16,69%	114.992	16,57%	114.431	16,37%	111.727	16,25%	111.668	15,92%
<b>30 a 39</b>	193.762	29,44%	205.742	29,64%	210.125	30,05%	211.542	30,76%	216.716	30,90%
<b>40 a 49</b>	133.003	20,21%	138.958	20,02%	139.683	19,98%	138.963	20,21%	142.263	20,28%
<b>50 a 64</b>	91.042	13,83%	99.632	14,35%	103.798	14,85%	103.850	15,10%	106.172	15,14%
<b>65 ou mais</b>	5.162	0,78%	6.008	0,87%	6.853	0,98%	7.265	1,06%	8.121	1,16%
<b>Total</b>	<b>658.195</b>	<b>100,00%</b>	<b>694.185</b>	<b>100,00%</b>	<b>699.143</b>	<b>100,00%</b>	<b>687.737</b>	<b>100,00%</b>	<b>701.328</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: RAIS/ ME

Tabulado pelo autor

Nota-se pela Tabela 13 que, nesse estado as faixas com os maiores estoques de emprego são a de 30 a 39 anos e a 40 a 49 anos, além de que essas faixas apresentam crescimentos em seus estoques em todo o período analisado. Outro fato a ser mostrado é acerca da faixa etária com o terceiro maior estoque de emprego. Iniciando em 2013, a faixa etária de 18 a 24 anos fica na posição com o terceiro maior estoque até o ano de 2015, logo após a faixa etária que fica nessa posição é a de 25 a 29 anos.

Com isso, pode-se dizer que o mercado de trabalho no estado de Santa Catarina vem absorvendo os jovens trabalhadores no setor de serviços, de melhor maneira do que nos outros estados da Região Sul do Brasil. Porém, a faixa etária de 18 a 24 anos fechou 5 mil postos de trabalho. Esse estado, que apesar de não sido impactado pela crise, compensou esses desligamentos com novas admissões de outras faixas etárias.

#### 4.4.2.4 A faixa etária do trabalhador formal do setor de serviços no Paraná

Como último estado da Região Sul do Brasil a ser analisado, segue a seguir o estado do Paraná. A análise traz dados sobre o estoque total formal do setor de serviços, juntamente com a variável sobre a idade do trabalhador desse estado e informa também o período que se inicia em 2013 e termina em 2017.

A Tabela 14, através dos dados da RAIS, informa o perfil do trabalhador formal do estado do Paraná, do setor de atividade econômico de serviços, para o período de 2013 a 2017, além de classificar esse estoque de emprego pelo nível de faixa etária.

Tabela 14 - Estoque de emprego formal do setor de serviços por faixa etária no Paraná (2013 a 2017)

Faixa Etária	2013	P. Perc.	2014	P. Perc.	2015	P. Perc.	2016	P. Perc.	2017	P. Perc.
10 a 14	171	0,02%	184	0,02%	126	0,01%	165	0,02%	93	0,01%
15 a 17	13.890	1,41%	14.145	1,39%	10.818	1,06%	8.687	0,87%	8.114	0,80%
18 a 24	162.771	16,52%	162.153	15,96%	156.256	15,27%	144.673	14,42%	145.718	14,33%
25 a 29	156.408	15,88%	160.106	15,76%	159.548	15,59%	155.031	15,45%	154.527	15,20%
30 a 39	286.925	29,12%	296.472	29,17%	302.009	29,52%	298.507	29,75%	302.922	29,79%
40 a 49	209.906	21,31%	216.279	21,28%	218.285	21,33%	217.863	21,71%	223.115	21,94%
50 a 64	145.212	14,74%	155.862	15,34%	163.881	16,02%	165.651	16,51%	168.518	16,57%
65 ou mais	9.947	1,01%	11.012	1,08%	12.234	1,20%	12.851	1,28%	13.899	1,37%
<b>Total</b>	<b>985.230</b>	<b>100,00%</b>	<b>1.016.213</b>	<b>100,00%</b>	<b>1.023.157</b>	<b>100,00%</b>	<b>1.003.428</b>	<b>100,00%</b>	<b>1.016.906</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: RAIS/ ME

Tabulado pelo autor

Evidencia-se pela Tabela 14 que, nesse estado o comportamento dos maiores estoques de emprego é similar aos dos subitens anteriores, onde as faixas etárias com mais postos de trabalho são as de 30 a 39 anos e as de 40 a 49 anos, além de que ao longo do período inteiro essas faixas aumentam os seus estoques. Já para a faixa etária que ocupa a terceira posição ocorre uma troca, visto que primeiramente a faixa de 18 a 24 anos se mantém em terceiro lugar até o ano de 2014, logo após a faixa de 50 a 64 anos é a que fica com a terceira posição até o final do período em 2017.

Pode-se dizer então, que a mão de obra nesse estado vem sendo absorvida em praticamente todas as faixas etárias classificadas. Entretanto, a faixa etária de 18 a 24 anos foi a que mais fechou postos de trabalho, com 17,1 mil desligamentos.

#### 4.4.3 O sexo do trabalhador formal do setor de serviços

Continuando com traçar do perfil do trabalhador formalizado do setor de serviços na Região Sul do Brasil, a seguir serão apresentados dados sobre o sexo do estoque de emprego total. Com isso pode-se saber como se encontra a participação da mão de obra de cada um dos dois sexos existentes e definidos, seja pela religião ou seja pela ciência: masculino e feminino, em cada um dos estados que formam essa região. Além disso, a análise é estabelecida também por um período que se inicia em

2013 e termina em 2017, permitindo uma visão mais abrangente da participação de cada um dos dois sexos.

#### 4.4.3.1 O sexo do trabalhador formal do setor de serviços na Região Sul do Brasil

Os subitens a seguir apresentam os dados sobre o sexo do trabalhador formal do setor de serviços, trazendo o estoque total da Região Sul do Brasil, além de compreender o período de 2013 a 2017. Logo a seguir, os próximos subitens trazem dados sobre cada dos estados que compõem essa região.

Conforme a base de dados da RAIS, a Tabela 15 traz o perfil do trabalhador que faz parte do estoque formal total, do setor de serviços da Região Sul do Brasil, organizado por sexo, do período que inicia em 2013 e termina em 2017.

Tabela 15 - Estoque de emprego formal do setor de serviços por sexo na Região Sul do Brasil (2013 a 2017)

Sexo	2013	P. Perc.	2014	P. Perc.	2015	P. Perc.	2016	P. Perc.	2017	P. Perc.
<b>Masc.</b>	1.301.897	49,68%	1.340.660	49,35%	1.334.174	49,00%	1.308.137	48,88%	1.321.264	48,89%
<b>Fem.</b>	1.318.755	50,32%	1.376.159	50,65%	1.388.683	51,00%	1.368.348	51,12%	1.381.131	51,11%
<b>Total</b>	<b>2.620.652</b>	<b>100,00%</b>	<b>2.716.819</b>	<b>100,00%</b>	<b>2.722.857</b>	<b>100,00%</b>	<b>2.676.485</b>	<b>100,00%</b>	<b>2.702.395</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: RAIS/ ME      Tabulado pelo autor

Percebe-se pela Tabela 15 que, no período analisado, a participação feminina é um pouco maior do que a masculina, na qual inicia o ano de 2013 com 50,32% e termina o ano de 2017 com 51,11%. Ou seja, os postos de trabalho da Região Sul do Brasil apresentam um excelente equilíbrio entre a participação dos sexos masculino e feminino no período inteiro analisado.

Além de que, mais postos de trabalho femininos foram abertos do que masculinos, no período analisado na região, com cerca de 19,4 mil para os homens e 62,4 mil para as mulheres.

#### 4.4.3.2 O sexo do trabalhador formal do setor de serviços no Rio Grande do Sul

Depois do estoque total formal de Região Sul do Brasil, são apresentados dados sobre cada um dos seus estados, tendo como o primeiro a ser analisado o do Rio Grande do Sul.

A Tabela 16 apresenta os dados sobre o perfil do trabalhador formal do setor de serviços, através do sexo da mão de obra do estado do Rio Grande do Sul, no período que se inicia em 2013 e termina em 2017.

Tabela 16 - Estoque de emprego formal do setor de serviços por sexo no Rio Grande do Sul (2013 a 2017)

Sexo	2013	P. Perc.	2014	P. Perc.	2015	P. Perc.	2016	P. Perc.	2017	P. Perc.
<b>Masc.</b>	477.358	48,85%	488.370	48,53%	482.467	48,22%	473.713	48,08%	472.727	48,03%
<b>Fem.</b>	499.868	51,15%	518.051	51,47%	518.090	51,78%	511.606	51,92%	511.433	51,97%
<b>Total</b>	<b>977.226</b>	<b>100,00%</b>	<b>1.006.421</b>	<b>100,00%</b>	<b>1.000.557</b>	<b>100,00%</b>	<b>985.319</b>	<b>100,00%</b>	<b>984.160</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: RAIS/ ME Tabulado pelo autor

Nota-se pela Tabela 16 que, para esse estado a participação feminina, no período inteiro, é maior do que a masculina. No ano de 2013, a participação feminina era de 51,15% e para o ano de 2017 chega a 51,97%. O estado do Rio Grande do Sul apresenta um equilíbrio menor do que qualquer um dos estados da Região Sul do Brasil quando comparados no período inteiro analisado.

Ademais, os homens foram mais afetados pela crise do que as mulheres no estado. Cerca de 15,6 mil postos de trabalho masculinos foram fechados, já as mulheres fecharam 6,6 mil vínculos.

#### 4.4.3.3 O sexo do trabalhador formal do setor de serviços em Santa Catarina

Logo após o estado do Rio Grande do Sul, tem-se como próximo estado a ser analisado o de Santa Catarina. É traçado o perfil do trabalhador formal do setor de serviços, classificado por sexo masculino e feminino, do período de 2013 a 2017.

Através da base de dados da RAIS, a Tabela 17 traz os dados sobre o estoque total formal e traça o perfil do trabalhador do setor de serviços por sexo, no período inicial de 2013 até o de 2017, para o estado de Santa Catarina.

Tabela 17 - Estoque de emprego formal do setor de serviços por sexo em Santa Catarina (2013 a 2017)

Sexo	2013	P. Perc.	2014	P. Perc.	2015	P. Perc.	2016	P. Perc.	2017	P. Perc.
<b>Masc.</b>	327.071	49,69%	343.128	49,43%	343.216	49,09%	338.249	49,18%	343.864	49,03%
<b>Fem.</b>	331.125	50,31%	351.057	50,57%	355.927	50,91%	349.488	50,82%	357.464	50,97%
<b>Total</b>	<b>658.196</b>	<b>100,00%</b>	<b>694.185</b>	<b>100,00%</b>	<b>699.143</b>	<b>100,00%</b>	<b>687.737</b>	<b>100,00%</b>	<b>701.328</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: RAIS/ ME Tabulado pelo autor

Constata-se pela Tabela 17 que, em Santa Catarina a participação feminina é maior que a masculina por uma pequena margem. Em 2013 essa participação era 50,31% e em 2017 chegou a 50,97%. Esse estado apresenta um ótimo equilíbrio entre a participação dos trabalhadores do sexo masculino e feminino no período analisado.

Além disso, em relação a criação de postos de trabalho no estado, foram abertos mais postos femininos do que masculinos no período analisado. Em torno de 16,8 mil novos postos de trabalho masculinos e 26,3 mil vínculos femininos criados.

#### 4.4.3.4 O sexo do trabalhador formal do setor de serviços no Paraná

Para terminar os subitens acerca do sexo do trabalhador formal do setor de serviços da Região Sul do Brasil, tem-se o estado do Paraná, além de compreender o período que tem como ano inicial o de 2013, seguindo até o ano de 2017 que é o último ano disponível oficialmente.

A Tabela 18 apresenta dados sobre o perfil do trabalhador do setor de serviços por sexo no estado do Paraná, nos anos de 2013 a 2017, além de que esses dados são sobre o estoque de emprego formal total desse estado e são disponíveis pela RAIS.

Tabela 18 - Estoque de emprego formal do setor de serviços por sexo no Paraná (2013 a 2017)

Sexo	2013	P. Perc.	2014	P. Perc.	2015	P. Perc.	2016	P. Perc.	2017	P. Perc.
<b>Masc.</b>	497.468	50,49%	509.162	50,10%	508.491	49,70%	496.175	49,45%	504.673	49,63%
<b>Fem.</b>	487.762	49,51%	507.051	49,90%	514.666	50,30%	507.254	50,55%	512.234	50,37%
<b>Total</b>	<b>985.230</b>	<b>100,00%</b>	<b>1.016.213</b>	<b>100,00%</b>	<b>1.023.157</b>	<b>100,00%</b>	<b>1.003.429</b>	<b>100,00%</b>	<b>1.016.907</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: RAIS/ ME      Tabulado pelo autor

Nota-se pela Tabela 18 que, o Paraná é o único dos estados da Região Sul do Brasil em que a participação masculina é maior do que a feminina, até o ano de 2014. Após esse ano, a participação do sexo feminino é maior do que a do masculino. O Paraná, entre todos os estados que compõe a Região Sul do Brasil, é o estado que apresenta o melhor equilíbrio de todos em relação a participação feminina e a participação masculina no período inteiro analisado.

E nesse estado, apenas os homens foram afetados pela crise e fecharam postos de trabalho, com 4,5 mil desligamentos. Já as mulheres, criaram 5,2 mil novos vínculos no estado.

#### 4.4.4 A remuneração média anual do trabalhador formal do setor de serviços na Região Sul do Brasil

A última variável a ser analisada acerca do perfil do trabalhador formal do setor de serviços da Região Sul do Brasil é a remuneração média anual, que

compreende também o décimo terceiro salário. Esses dados sobre a média salarial anual começam com cada um dos estados dessa região e terminam com a média anual da mesma.

A Tabela 19 é a última sobre o perfil do trabalhador do setor de serviços da Região Sul do Brasil, do período que se inicia em 2013 e termina em 2017. Ela traz a remuneração média anual, que também inclui o décimo terceiro salário, para cada um dos estados dessa região.

Tabela 19 - Remuneração anual média da mão de obra formal do setor de serviços na Região Sul do Brasil (2013 a 2017)

UF	2013	2014	2015	2016	2017
<b>Rio Grande do Sul</b>	R\$ 2.098,07	R\$ 2.291,76	R\$ 2.479,21	R\$ 2.692,58	R\$ 2.828,08
<b>Santa Catarina</b>	R\$ 1.970,08	R\$ 2.172,70	R\$ 2.361,28	R\$ 2.565,09	R\$ 2.700,90
<b>Paraná</b>	R\$ 2.054,72	R\$ 2.214,57	R\$ 2.438,35	R\$ 2.632,21	R\$ 2.797,49
<b>Total</b>	<b>R\$ 2.048,37</b>	<b>R\$ 2.231,51</b>	<b>R\$ 2.432,61</b>	<b>R\$ 2.635,95</b>	<b>R\$ 2.782,21</b>

Fonte: RAIS/ ME

Tabulado pelo autor

Comprova-se pela Tabela 19 que, o estado com o melhor salário médio anual é o do Rio Grande do Sul e o com o menor é o de Santa Catarina, que também fica abaixo do salário médio anual da Região Sul do Brasil, na linha escrito total.

#### 4.5 ESTIMATIVAS PARA O MERCADO DE TRABALHO FORMAL NO SETOR DE SERVIÇOS

A parte final do capítulo 4 apresenta as estimativas para o mercado de trabalho formal brasileiro, com dados sobre o estoque de emprego de cada setor de atividade econômico. Essas estimativas são feitas através do cruzamento dos dados da movimentação de postos de trabalho do CAGED com o último estoque de emprego total da RAIS.

Se a movimentação do CAGED apresentou dados positivos com mais contratações do que demissões será então acrescentado ao estoque de emprego da RAIS, mas se os dados do CAGED forem negativos, então o estoque de emprego da RAIS deve ser diminuído. Com isso, pode-se ter uma previsão de como se encontra o mercado de trabalho formal brasileiro.

#### 4.5.1 Estimativas para o mercado de trabalho formal no setor de serviços para o Brasil

A seção final deste trabalho é sobre as estimativas feitas para o mercado de trabalho formal para o ano de 2018. As estimativas também são para cada um dos setores econômicos. Em seguida, os próximos subitens serão sobre a Região Sul do Brasil e de cada um de seus estados.

Conforme o cruzamento dos dados da RAIS e do CAGED, a Tabela 20 é a primeira a trazer estimativas para o mercado de trabalho formal brasileiro, para cada um dos setores econômicos, para o ano de 2018, sendo essa sobre o Brasil.

Tabela 20 - Estimativa\* do estoque de emprego formal por setor de atividade econômica no Brasil (2013 a 2018\*)

IBGE Setor	2014	P. Perc.	2015	P. Perc.	2016	P. Perc.	2017	P. Perc.	2018*	P. Perc.*
1 - Extr. mine.	257.606	0,52%	240.488	0,50%	221.331	0,48%	212.337	0,46%	213.697	0,46%
2 - Indús. de transf.	8.171.022	16,48%	7.566.900	15,74%	7.148.013	15,52%	7.105.206	15,35%	7.102.607	15,21%
3 - Serv. ind. de uti. púb.	450.098	0,91%	447.385	0,93%	429.435	0,93%	425.427	0,92%	431.660	0,92%
4 - Const. civ.	2.815.686	5,68%	2.422.664	5,04%	1.985.404	4,31%	1.838.958	3,97%	1.844.181	3,95%
5 - Comé.	9.728.107	19,62%	9.532.622	19,83%	9.264.904	20,11%	9.230.750	19,94%	9.313.933	19,94%
6 - Serv.	17.313.495	34,93%	17.151.312	35,69%	16.708.852	36,28%	16.772.645	36,24%	17.113.328	36,64%
7 - Adm. públ.	9.355.833	18,87%	9.198.875	19,14%	8.826.040	19,16%	9.195.215	19,87%	9.189.294	19,68%
8 - Agropec.	1.479.663	2,98%	1.500.561	3,12%	1.476.219	3,20%	1.501.052	3,24%	1.493.968	3,20%
<b>Total</b>	<b>49.571.510</b>	<b>100,00%</b>	<b>48.060.807</b>	<b>100,00%</b>	<b>46.060.198</b>	<b>100,00%</b>	<b>46.281.590</b>	<b>100,00%</b>	<b>46.702.668</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: RAIS/ ME Tabulado pelo autor

Pelos dados da Tabela 20, pode-se dizer o estoque total de emprego teve um aumento se for comparado com o ano anterior de 2017. Os setores da indústria de transformação, administração pública e agropecuária tiveram reduções em seus estoques. Além disso, se comparado com 2017 e os seus 46,28 milhões de trabalhadores, a estimativa para 2018 mostra um aumento nesse número, chegando a 46,70 milhões.

#### 4.5.2 Estimativas para o mercado de trabalho formal no setor de serviços para os estados da Região Sul do Brasil

Depois das estimativas para o Brasil para o ano de 2018, após feita uma filtragem e juntamente com o cruzamento de dados entre a RAIS e o CAGED, tem-se então as estimativas para o estoque de emprego formal total e para cada um dos setores econômicos da Região Sul do Brasil.

A Tabela 21 apresenta os dados estimados do estoque da mão de obra na Região Sul do Brasil para o ano de 2018.



Tabela 21 - Estimativa\* do estoque de emprego formal por setor de atividade econômica na Região Sul do Brasil (2013 a 2018\*)

IBGE Setor	2014	P. Perc.	2015	P. Perc.	2016	P. Perc.	2017	P. Perc.	2018*	P. Perc.*
1 - Extr. mine.	22.379	0,26%	20.582	0,25%	19.106	0,24%	18.235	0,22%	18.038	0,22%
2 - Indús. de transf.	2.118.202	24,77%	1.981.499	23,78%	1.892.147	23,38%	1.909.103	23,46%	1.912.770	23,24%
3 - Serv. ind. de uti. públ.	77.199	0,90%	76.576	0,92%	74.502	0,92%	72.412	0,89%	73.543	0,89%
4 - Const. civ.	399.330	4,67%	356.697	4,28%	314.720	3,89%	298.563	3,67%	301.725	3,67%
5 - Comé.	1.779.883	20,82%	1.740.843	20,89%	1.716.180	21,21%	1.716.661	21,10%	1.736.662	21,10%
6 - Serv.	2.716.819	31,77%	2.722.857	32,68%	2.676.485	33,08%	2.702.395	33,21%	2.775.135	33,72%
7 - Adm. públ.	1.206.952	14,12%	1.198.812	14,39%	1.165.841	14,41%	1.190.864	14,64%	1.189.311	14,45%
8 - Agropec.	229.482	2,68%	235.179	2,82%	232.930	2,88%	228.070	2,80%	223.705	2,72%
<b>Total</b>	<b>8.550.246</b>	<b>100,00%</b>	<b>8.333.045</b>	<b>100,00%</b>	<b>8.091.911</b>	<b>100,00%</b>	<b>8.136.303</b>	<b>100,00%</b>	<b>8.230.889</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: RAIS/ ME Tabulado pelo autor

Através desses dados, pode-se afirmar pela Tabela 21 que a maioria dos setores apresentou crescimento em seus estoques, mas mesmo assim a extrativa mineral, a administração pública e a agropecuária apresentaram o fechamento de postos de trabalho. Além disso, comparando com último ano oficial disponível, em 2017 haviam 8,14 milhões de trabalhadores, já na estimativa para 2018 o número aumentou para 8,23 milhões.

#### 4.5.2.1 Estimativas para o mercado de trabalho formal no setor de serviços para o estado do Rio Grande do Sul

Após as estimativas para o estoque formal total de emprego da Região Sul do Brasil, são apresentados cada um dos seus estados. Como primeiro estado tem-se o Rio Grande do Sul e as estimativas para cada um de seus setores econômicos para o ano de 2018.

A Tabela 22 traz as estimativas para o mercado de trabalho formal, para o estado do Rio Grande do Sul, por setor econômico, para o ano de 2018, através do cruzamento de dados do CAGED com os da RAIS.

Tabela 22 - Estimativa\* do estoque de emprego formal por setor de atividade econômica no Rio Grande do Sul (2013 a 2018\*)

IBGE Setor	2014	P. Perc.	2015	P. Perc.	2016	P. Perc.	2017	P. Perc.	2018*	P. Perc.*
1 - Extr. mine.	7.317	0,24%	6.767	0,23%	6.063	0,21%	6.015	0,21%	5.792	0,20%
2 - Indús. de transf.	730.738	23,50%	675.327	22,47%	643.217	22,10%	633.345	21,82%	633.468	21,70%
3 - Serv. ind. de uti. púb.	30.427	0,98%	29.384	0,98%	27.955	0,96%	25.899	0,89%	25.913	0,89%
4 - Const. civ.	140.290	4,51%	121.175	4,03%	108.116	3,71%	104.250	3,59%	105.281	3,61%
5 - Comé.	641.869	20,64%	625.668	20,82%	616.805	21,19%	616.598	21,24%	618.008	21,17%
6 - Serv.	1.006.421	32,37%	1.000.557	33,29%	985.319	33,85%	984.160	33,91%	1.000.840	34,28%
7 - Adm. públ.	470.355	15,13%	461.901	15,37%	437.747	15,04%	447.418	15,42%	446.622	15,30%
8 - Agropec.	81.762	2,63%	84.770	2,82%	85.661	2,94%	84.688	2,92%	83.257	2,85%
<b>Total</b>	<b>3.109.179</b>	<b>100,00%</b>	<b>3.005.549</b>	<b>100,00%</b>	<b>2.910.883</b>	<b>100,00%</b>	<b>2.902.373</b>	<b>100,00%</b>	<b>2.919.181</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: RAIS/ ME Tabulado pelo autor

Percebe-se pela Tabela 22 que, como nas estimativas anteriores para a Região Sul do Brasil, os dados são similares. A maioria dos setores teve incremento em seus estoques de emprego, mas os setores da extrativa mineral, administração pública e agropecuária tiveram postos de trabalho encerrados no ano.

Além disso, comparando com o ano anterior, em 2017 tinha-se 2,90 milhões de trabalhadores no estado, já para a estimativa do ano de 2018 o valor aumentou para 2,91 milhões. De todos os estados que compõe a Região Sul do Brasil, o Rio Grande do Sul teve o pior desempenho de todos em relação ao número de postos de trabalho criados.

#### 4.5.2.2 Estimativas para o mercado de trabalho formal no setor de serviços para o estado de Santa Catarina

Seguindo com o dados sobre as estimativas do mercado de trabalho formal para cada dos estados da Região Sul do Brasil, o próximo é o de Santa Catarina. As estimativas são por setor econômico.

A Tabela 23, por meio do cruzamento dos dados do CAGED e da RAIS, traz os dados estimados para o mercado de trabalho formal do estado de Santa Catarina, para os seus setores econômicos, para o ano de 2018.

Tabela 23 - Estimativa\* do estoque de emprego formal por setor de atividade econômica em Santa Catarina (2013 a 2018\*)

IBGE Setor	2014	P. Perc.	2015	P. Perc.	2016	P. Perc.	2017	P. Perc.	2018*	P. Perc.*
1 - Extr. mine.	8.496	0,37%	7.406	0,33%	7.188	0,33%	6.744	0,31%	6.834	0,30%
2 - Indús. de transf.	684.309	30,09%	648.132	29,27%	629.396	29,03%	644.635	29,23%	649.073	28,91%
3 - Serv. ind. de uti. púb.	20.124	0,88%	20.478	0,92%	20.188	0,93%	20.173	0,91%	21.265	0,95%
4 - Const. civ.	105.331	4,63%	95.747	4,32%	83.580	3,86%	82.133	3,72%	82.725	3,68%
5 - Comé.	455.439	20,03%	444.698	20,08%	441.059	20,34%	446.664	20,25%	456.468	20,33%
6 - Serv.	694.185	30,53%	699.143	31,57%	687.737	31,72%	701.328	31,80%	726.813	32,37%
7 - Adm. públ.	261.177	11,49%	254.804	11,51%	255.580	11,79%	263.153	11,93%	262.578	11,69%
8 - Agropec.	44.872	1,97%	43.884	1,98%	43.195	1,99%	40.908	1,85%	39.629	1,76%
<b>Total</b>	<b>2.273.933</b>	<b>100,00%</b>	<b>2.214.292</b>	<b>100,00%</b>	<b>2.167.923</b>	<b>100,00%</b>	<b>2.205.738</b>	<b>100,00%</b>	<b>2.245.385</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: RAIS/ ME Tabulado pelo autor

Por intermédio das estimativas da Tabela 23, pode-se dizer que o estado com o melhor desempenho foi Santa Catarina. Todos os setores econômicos, com exceção da administração pública e da agropecuária, apresentam crescimento em seus estoques de emprego. E comparando o estoque total do ano 2017 que tinha 2,20 milhões de trabalhadores, com a estimativa para o ano de 2018 tem-se um aumento no valor que chega em 2,25 milhões.

#### 4.5.2.3 Estimativas para o mercado de trabalho formal no setor de serviços para o estado do Paraná

Como último estado da Região Sul do Brasil e como última estimativa tem-se o estado do Paraná, além de trazer dados sobre o estoque de emprego formal para cada um de seus setores econômicos para o ano de 2018.

Através do cruzamento dos dados do CAGED e da RAIS, a Tabela 24 é a última a trazer estimativas para o mercado de trabalho formal nacional, por setor de atividade econômico, para o ano de 2018 no estado do Paraná.

Tabela 24 - Estimativa\* do estoque de emprego formal por setor de atividade econômica no Paraná (2013 a 2018\*)

IBGE Setor	2014	P. Perc.	2015	P. Perc.	2016	P. Perc.	2017	P. Perc.	2018*	P. Perc.*
1 - Extr. mine.	6.566	0,21%	6.409	0,21%	5.855	0,19%	5.476	0,18%	5.412	0,18%
2 - Indús. de transf.	703.155	22,20%	658.040	21,14%	619.534	20,56%	631.123	20,84%	630.229	20,55%
3 - Serv. ind. de uti. púb.	26.648	0,84%	26.714	0,86%	26.359	0,87%	26.340	0,87%	26.365	0,86%
4 - Const. civ.	153.709	4,85%	139.775	4,49%	123.024	4,08%	112.180	3,70%	113.719	3,71%
5 - Comé.	682.575	21,55%	670.477	21,54%	658.316	21,85%	653.399	21,58%	662.186	21,60%
6 - Serv.	1.016.213	32,09%	1.023.157	32,87%	1.003.429	33,30%	1.016.907	33,58%	1.047.482	34,16%
7 - Adm. públ.	475.420	15,01%	482.107	15,49%	472.514	15,68%	480.293	15,86%	480.111	15,66%
8 - Agropec.	102.848	3,25%	106.525	3,42%	104.074	3,45%	102.474	3,38%	100.819	3,29%
<b>Total</b>	<b>3.167.134</b>	<b>100,00%</b>	<b>3.113.204</b>	<b>100,00%</b>	<b>3.013.105</b>	<b>100,00%</b>	<b>3.028.192</b>	<b>100,00%</b>	<b>3.066.323</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: RAIS/ ME Tabulado pelo autor

Nota-se pela Tabela 24 que, com os valores dessas estimativas, pode-se afirmar que metade dos setores econômicos apresentou crescimento em seus estoques, mas também que a outra metade dos setores teve o fechamento de postos de trabalho no estado. E por fim, se comparar o ano de 2017 que possuía 3,03 milhões de trabalhadores formais, com a estimativa de 2018 tem-se um incremento no valor que vai para 3,06 milhões.

## 5 CONCLUSÃO

O presente trabalho foi elaborado com o objetivo de mostrar o impacto da crise no mercado de trabalho formal no setor de serviços da Região Sul do Brasil. Para que este objetivo fosse conquistado, foram feitas análises em informações disponíveis em bases de dados públicas.

A palavra trabalho também foi evidenciada através de um histórico sobre as teorias acerca do mesmo. Desde o significado escrito em dicionários, como também as origens sobre a palavra trabalho foram mostradas. Também se tem as principais teorias sobre o trabalho através das teorias que as escolas de pensamento econômicos, juntamente com seus economistas e intelectuais, num histórico que se inicia com a escola clássica econômica e chegando até a modernidade com a escola neoliberal econômica.

Após isso, foi definido o mercado de trabalho e a sua organização, onde foi determinado e exposto os seus principais segmentos. Tem-se explicações iniciando acerca do mercado de trabalho formal e informal, onde com o seu desenvolvimento foi mostrado o comportamento do mesmo, como também o desemprego e os seus tipos. O mercado de trabalho é essencial para o crescimento de uma economia, trazendo benefícios para todos que fazem parte do mesmo.

Os setores de atividade econômica também foram definidos, com cada um de seus segmentos conceituados e estipulados. Assim como o mercado de trabalho, os setores econômicos apresentam significativa importância para o crescimento de uma economia.

Foi feita uma pesquisa com o objetivo desse trabalho, para poder evidenciar a crise no mercado de trabalho formal do setor de serviços da Região Sul, além também de poder evidenciar o perfil do trabalho formal desse setor, como também as estimativas para o mercado de trabalho formal para o ano de 2018.

Através das pesquisas relacionadas ao Brasil, pode-se dizer que a crise no mercado de trabalho formal do setor de serviço iniciou em 2015 com o fechamento de postos de trabalho e ao longo período fechou 540,8 mil. No estado do Rio Grande do Sul, a crise iniciou em 2015 e no período fechou 22,26 mil postos de trabalho formais, sendo o estado mais impactado pela crise na Região Sul do Brasil. Em Santa Catarina, a crise não afetou o setor de serviços e ao longo do período analisado 43,13 mil postos de trabalho foram criados. E no Paraná, o setor de serviços foi pouco impactado pela

crise porque ao longo do período de 2013 até 2017 houve a criação de 31,7 mil postos de trabalho, com o detalhe de que do ano 2015 até o ano 2017 apenas 6,2 mil postos foram encerrados.

Em relação ao perfil do trabalhador formal do setor de serviços da Região Sul do Brasil, pode-se dizer que a grande maioria apresenta o nível médio completo, seguido pelo superior completo, isso nos três estados que a compõem. E os mais afetados pela crise foram os com fundamental completo.

No quesito faixa etária, esses estados empregam em sua maioria trabalhadores das faixas etárias de 30 a 39 anos e de 40 a 49 anos, mas também apresentam uma participação não pequena em relação aos jovens trabalhadores. E os mais impactados pela crise foram os de 18 a 24 anos.

Sobre o sexo dos trabalhadores, a participação masculina e feminina apresentam um equilíbrio entre ambas no mercado de trabalho formal do setor de serviços. Porém, os homens foram os mais impactados pela crise. E a renda média anual mais alta entre os três estados da Região Sul do Brasil pertence ao Rio Grande do Sul e a menor pertence a Santa Catarina.

Para trabalhos futuros é sugerido fazer um aprofundamento do perfil do trabalhador do setor de serviços. Pode-se utilizar os microdados da RAIS que apresentam variáveis com mais opções de filtragem. Com os microdados e a variedade de variáveis, o perfil traçado desse trabalhador pode ajudar tanto ao empresário quanto ao próprio empregado em suas escolhas e também aos seus acordos de trabalho.

As estimativas para o mercado de trabalho formal através do cruzamento de dados entre a RAIS e o CAGED apresentaram dados positivos em alguns setores, mas negativos em outros. No caso do Brasil, em geral houve aumento no estoque de emprego na maioria dos setores econômicos, onde o total de vínculos foi maior do que o ano anterior, isso demonstra uma melhora para a economia do país e ajuda a preparar o terreno para os projetos do novo governo.

Na Região Sul do Brasil, os resultados foram poucos significativos, mas foram positivos com os seus estoques de emprego maiores do que os do ano anterior, onde o Rio Grande do Sul apresentou o pior resultado e Santa Catarina o melhor. No caso da Região Sul do Brasil a situação é de certa maneira boa, mas os novos governos de cada estado precisam estar empenhados e focados em trazer resultados melhores e significativos.

Através das pesquisas realizadas, pode-se validar a hipótese principal de que a crise econômica no mercado formal de trabalho se deu devido a todos os outros setores econômicos terem sido afetados. O setor de serviços não conseguiu escapar e foi um dos últimos setores a ser atingido, resultando no desemprego de diversas pessoas.

Mas quanto ao objetivo principal, no impacto da crise no mercado de trabalho formal do setor de serviços nos estados da Região Sul do Brasil, apenas o estado de Santa Catarina não foi afetado pela crise devido a criação de novos postos de trabalho, já os outros restantes foram afetados e fecharam postos de trabalho. Com esses resultados o objetivo principal não pode ser validado.

## REFERÊNCIAS

ALBORNOZ, Suzana. **O que é trabalho**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BARBOSA FILHO, Fernando de Holanda. **A crise econômica de 2014/2017**. 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v31n89/0103-4014-ea-31-89-0051.pdf>>. Acesso em: 05 maio 2019.

BORJAS, George J.. **Economia do trabalho**. 5. ed. Porto Alegre: Amgh Editora Ltda, 2012.

BRASIL. MINISTÉRIO DA ECONOMIA. **Desemprego no ano de 2017 é o maior desde 2012 segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)**. 2017. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/19759-desemprego-recua-em-dezembro-mas-taxa-media-do-ano-e-a-maior-desde-2012>>. Acesso em: 05 maio 2019.

BRASIL. MINISTÉRIO DA ECONOMIA. (Comp.). **Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED)**. Disponível em: <<http://trabalho.gov.br/trabalhador-caged>>. Acesso em: 05 maio 2019.

BRASIL. MINISTÉRIO DA ECONOMIA. (Comp.). **Relação Anual de Informações Sociais (RAIS)**. Disponível em: <<http://trabalho.gov.br/rais>>. Acesso em: 05 maio 2019.

BRUE, Stanley L.. **História do pensamento econômico**. São Paulo: Thomson Learning, 2005. Tradução de Luciana Penteado Miquelino.

BRAVERMAN, Harry. **Trabalho e capital monopolista: a degradação do trabalho no século XX**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ltc - Livros Técnicos e Científicos Editora S.a., 1987.

CHAHAD, José Paulo Zeetano. **Mercado de trabalho: conceitos, definições e funcionamento**. In: PINHO, Diva Benevides; VASCONCELOS, Marco Antonio S. de; TONETO JUNIOR, Rudinei (Org.). Manual de economia. 6. ed. São Paulo: Saraiva, 2011.

DEDECCA, Cláudio Salvadori. **Economia & Trabalho: textos básicos**. Campinas: Unicamp, 1998.

DEMO, Pedro. **Introdução à metodologia da ciência**. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 1995.

EHRENBERG, Ronald G.; SMITH, Robert S. **A moderna economia do trabalho: teoria e política pública**. 5. ed. São Paulo: Makron Books, 2000.

FEIJÓ, Ricardo. **História do Pensamento Econômico**. São Paulo: Atlas, 2001.

FONSECA, Regina Célia Veiga da. **Metodologia do trabalho científico**. Curitiba: IESDE Brasil, 2009.



HUNT, E. K.. **História do Pensamento Econômico**. Rio de Janeiro: Campus, 2005.

KON, Anita. **A economia do trabalho: qualificação e segmentação no Brasil**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2016.

Ministério da Economia. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)**. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 05 maio 2019.

REINERT, José Nilson. Desemprego: causas, consequências e possíveis soluções. **Revista de Ciências da Administração**, Florianópolis, p. 45-48, jan. 2001. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/adm/article/view/8065>>. Acesso em: 24 jun. 2019.

RICARDO, David. **Princípios de economia política e tributação**. São Paulo: Nova Cultural, 1996. Tradução de Paulo Henrique Ribeiro Sandroni. Disponível em: <<http://www.afoiceemartelo.com.br/posfsa/autores/Ricardo,%20David/David%20ricardo%20-%20Os%20economistas.pdf>>. Acesso em: 13 dez. 2018.

SMITH, Adam. **A riqueza das nações: Livro 1**. Curitiba: Juruá, 2006. Tradução de Maria Teresa Lemos de Lima.

SOUZA, Nali de Jesus de. **Economia básica**. São Paulo: Atlas, 2007.

TROSTER, Roberto Luis.; MOCHÓN MORCILLO, Francisco. **Introdução à economia**. Ed. rev. e atual. São Paulo: Pearson Education, 2002.